

BOLETIM

DA-SOCIEDADE
LUSO-AFRICANA
DO RIO DE JANEIRO

ANGOLA



C. VERDE



GUINÉ



INDIA



MACAU



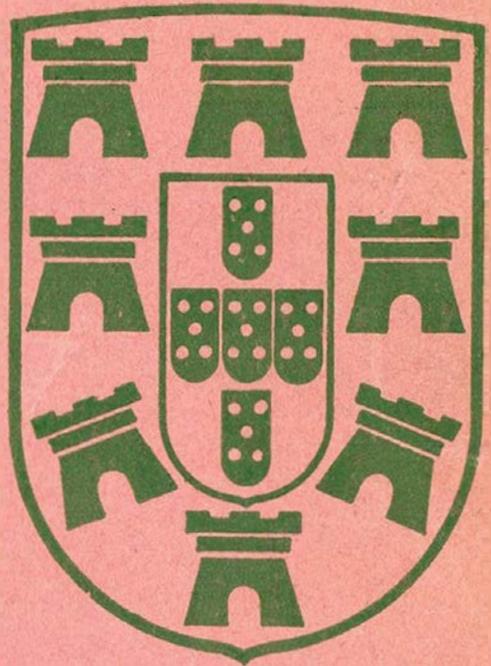
MOÇAMBIQUE



S. THOMÉ



TIMOR



SUMARIO

LATIFUNDIO AO ABANDONO — por Francisco das Dôres Gonçalves.

O ESTADO E AS MISSÕES — pelo Dr. Manuel A. Peres Junior, Socio efectivo da Academia das Ciencias.

O SONHO DO INFANTE DON HENRIQUE — pelo Engenheiro Alvaro de Castelões (Visconde de Castelões).

NAMPULA — pelo capitão Augusto Fernandes Panão.

TÊTE E O SEU DISTRITO — pelo Dr. Marcial Pimentel Ermitão (antigo Capitão do Exército).

O PROBLEMA DA IMIGRAÇÃO EM TIMOR — por Paulo Braga (jornalista).

COMÉRCIO EXTERNO DE ANGOLA — por Manuel Nunes Farinha — (Director Geral das Alfandegas de Angola).

A PECUÁRIA DE MOÇAMBIQUE E SEUS MAIORES FLAGELOS — pelo Dr. Jacinto Pereira Martinho, Engenheiro Agronomo.

HELENICA — pelo Dr. Mendes Carneiro — (Professor do Liceu Gonçalo Velho).

AÇORES — TERRA DE MARAVILHA E DE SONHO — pelo Dr. Ruy Galvão de Carvalho. (professor do Liceu Antero de Quental).

COLONOS — por Augusto Casimiro.

USOS E COSTUMES DOS ACHIKUNDAS — (Distrito de Tête) — Folclore Zambeziano — pela Professora Maria Amelia de Miranda Rodrigues.

CORRENTES ANTAGÓNICAS DA HISTÓRIA COLONIAL PORTUGUEZA — pelo Dr. Britto e Nascimento — (Juiz de Direito na Beira).

(NOTICIARIO)

Quantas vezes!...

O Sr. pára nas ruas da cidade admirando a roupa elegante de um cavalheiro que passa... querendo perguntar-lhe quem é o seu alfaiate?

Se lhe perguntar, elle dirá...

E' SYLVANIA o meu alfaiate!

A S S E M B L É A, 4 2

Vista-se com TRAJES SYLVANIA sob medida

COMPANHIA DE SEGUROS MARITIMOS E TERRESTRES

“UNIÃO DOS PROPRIETARIOS”

(FUNDADA EM 1894)

Capital realizado	1.500:000\$000
Reservas	1.955:658\$200
	<hr/>
	3.465:658\$200
Deposito no Tesouro Nacional	200:000\$000
Empréstimos sobre hipotécas	1.915:000\$000
Seguros Terrestres sôbre prédios, estabe-	

lecimentos comerciais, moveis, mercadorias em transitio e outros riscos.

Seguros Maritimos sôbre vapôres, navios à vela e outras embarcações e mercadorias embarcadas.

Aceita procuração para administrar bens de qualquer natureza, recebimentos de alugueis de prédios, juros de apolices e outros titulos de renda, mediante modica comissão.

PAGA TODOS OS SINISTROS A DINHEIRO A' VISTA

87, RUA DA QUITANDA, 87

EDIFICIO PROPRIO

TELEPHONE 23-3113

DIRECTORES:

Jaime Jorge Gaio

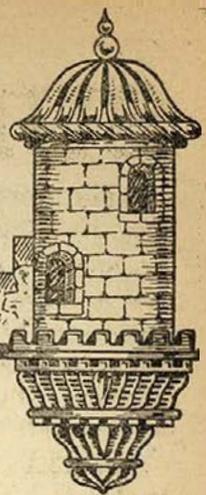
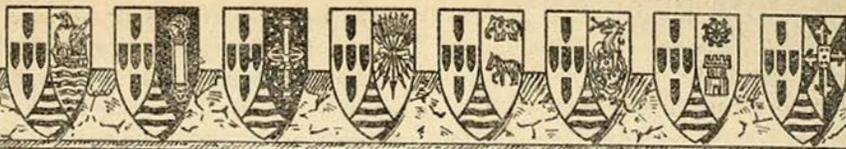
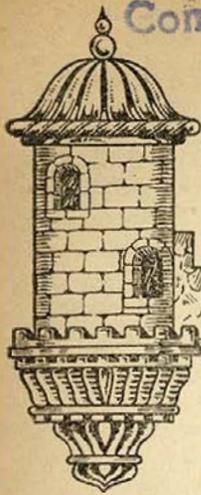
Anibal Teixeira

António Queiroz da Silva

Compre

21. ABR. 1937

Rec. J FH



Boletim da Sociedade Luso-Africana do Rio de Janeiro

Praça Tiradentes, 60, 2º andar

RIO DE JANEIRO — BRASIL

"As ideias não se vendem, dão-se — TEÓFILO BRAGA

DISTRIBUÍDO GRATUITAMENTE

Nos. 20—21
Quinta Serie

COMISSÃO DIRECTORA
Antônio de Souza Amorim — Carlos Cesar dos Santos
Francisco das Dôres Gonçalves

Janeiro a Junho
1937

LATIFUNDIO AO ABANDONO



A' bem poucos meses, o escritor brasileiro Peregrino Junior, traçou para o suplemento dominical de "O Jornal", — com aquela tôda sua encantadora malícia de cronista, que tanto o distingue como um dos mais finos e subtis distribuidores, ao público leitor, de venenos raros em pastilhas de açúcar e perfumadas —

duas colunas de prosa, adoráveis de espírito e de graça, sôbre latifundios literários. E nêsse artigo, delicioso por tantos títulos, em que o menor não era uma poalha de ironia causticante, o brilhante autor de "Matupá", depois de se referir e comentar a topografia das várias espécies de latifundios que conhece, terminou por aludir ao intercambio literário luso-brasileiro, — assim a modos de latifundio desprezado, de brejo ao abandono, sem pretendentes nem compradores. E' tal a sua fama, que não há quem lhe pegue! Nem mesmo a rastos de barato!

Com efeito, parece até um terreno com "mau-olhado", onde a horas mortas, a-pesar do policiamento que nêle já se vai fazendo nos últimos anos, os fantasmas dos execráveis cabotinos e dos eméritos "cavadores" que por tanto tempo ignôbilmente o exploraram e difamaram, impunes e solertes, ainda teimam

em aparecer, passeando processionalmente o brilho falso de suas comendas e outros penduricalhos.

A nós, sempre que o assunto vem á discussão, logo nos assalta a memória aquela parábola que se contava outrora ás crianças, para que jamais faltassem à verdade e se arrecessem das consequências da mentira. Salvo erro, contava-se mais ou menos assim: fugia Nossa Senhora com Jesus menino, em direção ao Egipto, quando ao passar por um caminho, junto ao qual alguns lavradores aravam a terra no momento, a virgem parou e lhes perguntou o que semeavam. Ora os tais homens, que, além de não serem, pelos vistos, boas pessoas, ou porque estivessem de mau humor, o que era muito possível, responderam seca e grosseiramente: —

— Semeamos pedras.

— Pois que pedras vos nasçam! — foi a réplica.

Se as Escrituras não falham, tais e tantos foram os pedregulhos, os seixos e os calhaus nascidos da noite para o dia, que até hoje não houve planta que lá vingasse, nascesse ou medrosse. Ora, salvo o devido respeito, essa terra é, com certeza, a do latifundio literário luso-brasileiro, a que se referiu o Dr. Peregrino Junior. Deus não passou por êle, passou simplesmente pela beirinha...

Por tôdas estas razões, não é sem determinado temor e receio — e até porque não dizê-

lo? com certa repugnância —, que abordamos hoje tal assunto, muito embora tenhamos até agora fugido d'êlo como o diabo da cruz, tão desmoralizado êle anda pelas façanhas e tropelias de meia duzia de "cavadores" e pelo exhibicionismo grotesco de igual número de cabotinos, — façanhas, tropelias e exhibicionismo contra os quais pouco tem valido a decidida boa-vontade de um Nuno Simões, de um João de Barros, de um Osório de Oliveira, de um Afranio Peixoto, de um Rui Chianca, empenhados, a valer e sem fadigas, a transformar, a fazer dêsse terreno abandonado um vergel florido e risonho. Todavia, como entendamos que é preciso que se diga em voz alta algumas verdades, aqui estamos para isso, depois de vencidas as resistências íntimas, que por uma questão de higiene moral, nos tolheram de abordar o assunto há mais tempo. (Aliás, essa tem sido uma das missões mais sagradas, mas também das mais ingratas, da SOCIEDADE LUSO-AFRICANA DO RIO DE JANEIRO:

— —dizer verdades, embora amargas.)

Certa vez, um director desta colectividade, que parece ter algo de Quichote, discursando, teve o desplante de ser objectivo e a, inaudita ousadia de verberar o excessivo consumo e o desaforado uso que os portugueses faziam, a proposito de tudo e de nada, dos Gamas, dos Albuquerque, dos Cabrais, dos Dias e de outros varões não menos assinalados. Se essa gente gastasse tantos productos portugueses como usava e usa os nomes d'esses varões insígnies, a balança comercial de Portugal nadaria em oiro... Melhor fôra que lhes deixassem os ossos e a memória em paz e tratasse cada um de lhes imitar os exemplos! Mas, ó ímpio, o que disseste!? Pouco faltou para que o lapidassem na praça pública, pelo sacrilégio de suas palavras. E se escapou de ser linchado, não se livrou do apodo de energumeno, petulante e até de máu português. Lhe chamaram, — apodo, aliás, muito em voga, mas, também, graças a Deus, muito desmoralizado, coitadinho.

Mais tarde, neste mesmo lugar, tivemos a oportunidade de lembrar a conveniência que haveria dos nossos professores, engenheiros, economistas, homens públicos e, sobretudo, os nossos governadores coloniais, em vez de andarem por Paris e adjacências, nem sempre admirando coisas edificantes, visitassem o Brasil, não para chegarem, "paparem" alguns jantares e pôrem-se ao fresco, mas para mui-

to estudarem e muito aprenderem com a realidade brasileira, admirável pelo seu extraordinário poder criador. Houve, também, o diabo! Se não caiu o Carmo e a Trindade, não faltou, contudo, muito sujeitinho com fumaças de sabichão e patriota que não toresse o respeitável apêndice nasal, todo ceptico e desdenhoso, com ares de Jacinto de pacotilha, ao ouvir no 202 dos Campos Elísios as "tiradas" do Zé Fernandes... E lá veio de novo a terreiro o epíteto famoso, o divisor de águas de todos os pobres de espírito: maus portugueses! E' certo, e já nos íamos esquecendo, que em Portugal houve em tempos uma "Cruzada Nun'Alvares", gozadíssima e desfrutável, que se propunha salvar a Pátria, começando por lhe apunhalar a língua, num manifesto piramidal, que, como trabalho humorístico, deixa ficar muito longe qualquer das obras de Mark Twain...

Pois a despeito da tamanha indignação e de tais sorrizinhos, actualmente, todo o mundo perfilha essas sugestões e até se atreve a lançá-las ao vento, com a maior sem-cerimónia, como se de facto fôsem êles os pais das crianças... Só nos falta saber, — mas havemos de indagar — se as levarem ao Registo Civil e á pia baptismal, ou se delas tiraram patente! Tudo é possível! Podem, no entanto, ficar sossegados e tranquiços, que lhes não vamos mover nenhum processo, reclamando os nossos direitos autorais, nem tampouco protestaremos contra as falsas paternidades... Isto é apenas uma simples lembrança, para que conste...

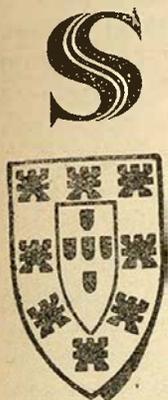
* * *

O intercâmbio intelectual há-de vingar, nós o afirmamos, porque temos tido a ventura e a honra de encontrar entre os novos valores mentais do Brasil uma boa-vontade acima de toda a expectativa, condicionada, apenas, a uma exigência que, nós como êles, também reputamos imprescindível: a de se limpar o terreno de toda a casta nefanda de parasitas que o infestam. Em resumo, é um caso de Saúde Pública, de profilaxia, de higiene moral e mental. E' necessário acabar com os "engrossadores", os conquistadores de condecorações, arejar, enfim, o ambiente, rasgando avenidas largas pelas quais hão-de caminhar sem tropeços os valores novos desta admirável cruzada. E, então, o intercâmbio literário luso-brasileiro será alguma coisa de nobre e digno, pelos resultados e pela elevação.

FRANCISCO DAS DORES GONÇALVES

O ESTADO E AS MISSÕES

Pelo DR. MANUEL A. PERES JOR.,
Sócio Efectivo da Academia das Ciências



SUA Eminência o Patriarca Dom Manuel II é um homem que gosa em Portugal de um merecido e grande prestígio. Ascendeu bem novo ao mais alto cargo do episcopado português e, mais novo ainda, conquistára outro lugar de menor relêvo político-social mas de mais alto significado intelectual: o de professor da

Universidade de Coimbra. Unânimemente respeitado pelo seu alto valor moral e admirado pela sua vasta cultura, é das raríssimas pessoas que em Portugal ocupam posições de destaque sem contar inimigos. Os próprios adversários do catolicismo se orgulham de o ter por compatriota.

Desta situação privilegiada, legitimamente conquistada, resulta para as suas palavras uma altíssima autoridade. Ninguém as ouve com indiferença porque, para mais, o eminente prelado só as pronuncia depois de cuidadosamente reflectidas e sempre em ocasião oportuna. Um elogio de Sua Eminência é um dos maiores prémios que se podem receber; uma censura, um dos mais dolorosos castigos.

Mas Sua Eminência é homem. Por muito cuidado que ponha nas suas palavras, por muito saber com que as combine, não está livre da triste condição humana de errar. Alguma vez terá errado e creio que errou naquilo a que me vou referir.

Que ninguém veja neste reparo o desejo de melindrar a religião católica. Disso me defendem duas razões:

A primeira é a de que eu respeito todas as crenças e religiões e, destas, duas ha que, além de respeitar, venero pelos grandes serviços prestados à civilização europea, em geral, e à nação portuguesa, em especial: uma é a religião pagã greco-romana e a outra é justamente a religião cristã-católica. A segunda é a que eu tambem sou católico, e católico praticante, embora não seja crente.

Dada esta explicação prévia, entrarei no assunto.

Disse Sua Eminência numa pastoral que os jornais de Lisboa publicaram em Dezembro do ano findo:

“Interessa-lhe (ao Estado) que o Evangelho seja prêgado aos pretos, mas é-lhe indiferente que o seja aos brancos”.

Ha nestas palavras uma clara acusação ao Estado de falta de coerência, de desigual tratamento dos cidadãos.

Merece-a o Estado? Julgo que não.

E' facto que o Estado não se interessa por que se pregue aos brancos a doutrina de qualquer religião. Mas tambem não vejo disposição legal que preceitue que se pregue o Evangelho aos pretos, mesmo restringindo êste têrmo aos habitantes selvagens da nossa Africa.

Não vejo mesmo que, do facto de se ter entregue à Igreja Católica a missionação das populações indígenas do Ultramar, seja lícito inferir que o Estado está interessado na propagação da Fé católica. Se o interessasse o ensino do Evangelho, ser-lhe-hia indiferente que fosse portuguesa ou estrangeira a entidade que o prêgasse. Mas não; a lei que regula o serviço das missões ou, melhor, que regula as relações do Estado com as autoridades missionárias, visa claramente à sua nacionalização. E' a propaganda, contrária à das missões estrangeiras que interessa ao Estado; é uma preocupação política e não confessional que o move.

E é natural que assim seja. Cada individuo tem ou pode ter a sua crença, para êle verdade incontrovertível e para os outros simples crendice; mas o Estado não tem nem se compreende que tenha crenças. Seria até ridículo, nos tempos correntes, um Estado a afirmar que Júpiter nasceu de uma coxa da mãe, a introduzir na sua farmacopêa a água de Lourdes ou a deitar as cartas para averiguar do successo da emissão de um projectado empréstimo.

O Estado português convenceu-se (como muitos particulares se convenceram) de que as missões estrangeiras — em regra, não católi-

cas — desenvolvem uma acção prejudicial à nossa politica ultramarina; suspeita (como muitos particulares suspeitam) de que algumas delas não se recomendam pela sua conduta moral. Verificando que seria moroso demonstrar aquela convicção e confirmar esta suspeita, tomou o partido de contrariar a acção delas atravessando-lhes no caminho os seus naturais adversários — as missões católicas portuguesas. Não porque preguem o Evangelho, que também as estrangeiras o pregam; simplesmente porque são portuguesas e rivais daquelas.

Se, de facto, o preocupasse a pureza da Fé católica, a lei não deixaria de mencionar a punição das heresias, porque não ha obrigação que o Estado imponha sem a concomitante sanção.

Não vejo, por tudo isto, que o Estado mereça a censura que o venerando e eminente chefe dos católicos portugueses lhe dirigiu.

Parece realmente falho de lógica que o Estado se apole, para o Ultramar, na Igreja Católica e mostre ignorar, na Metrópole, a sua existência. Mas a verdade é que o Estado nunca (nem mesmo nos tempos em que mais agressivo foi para ela) deixou de reconhecer a existência dessa Igreja ou de qualquer outra; se a sua attitude fosse de completo

alheamento, não veríamos, por exemplo, a lei do registo civil a referir-se e até a regular o registo religioso que, pelo menos entre católicos, é constituído por sacramentos; vai tão longe nessa consideração (não amistosa, concordo) pela religião que se recusa a fazer um registo de casamento quando o religioso não é feito segundo as regras que indicou. Parece-me isto a mais clara subordinação da lei civil à lei religiosa que pode haver: o casamento civil não impede o religioso; pelo contrário, o casamento religioso impede o civil, como ainda não ha muito tempo aconteceu e os jornais noticiaram; isto é, o registo religioso tem mais força que o do Estado... em virtude das leis do mesmo Estado.

O Estado não é neutro em toda a matéria religiosa; é neutro apenas em crenças religiosas. E, assim, não é ilógico que contrate com entidades religiosas; nem do facto de ter contratado com a Igreja Católica o serviço das missões no Ultramar se pode concluir que tivesse em vista o aumento do número de crentes. Não creio mesmo que o Senhor Dom Manuel Cerejeira esteja convencido de que o Estado se afligiria se soubesse que qualquer preto tinha comungado sem estar em jejum.

MANUEL PERES



O SONHO DO INFANTE

DON HENRIQUE

A MARTINS FONTES, O GRANDE AMIGO
DE PORTUGAL

Pelo DR. ALVARO DE CASTELLÕES
(Visconde de Castellões)

(ESPECIAL)

Era finda a primeira e alta empresa
Da inclita preclara geração,
E em Ceuta, já cristã e portuguesa
Flutuava o nosso vencedor pendão.

Quando os fortes infantes lusitanos,
Que iam fazer-se á vela um'outra vez,
Viram o MAR NOSTRUM dos romanos,
Como a sauda-los, vir morrer-lhe aos pés.

Talvez ao vê-lo, Henrique, a sós consigo
Tivesse tido a súbita visão:
"Finda aqui toda a luz do mar antigo
"E começa do Oceano a escuridão.

"Mistér se torna devassar-lhe a treva
"Enchê-lo todo duma grande luz,
"Ver a que estranhos céus êle nos leva,
"A que ignotas paragens nos conduz."

E como S. Vicente era o patrono
Cuja santa influência os fez vencer,
Onde o santo caiu no último sono
Foi que o Infante se quiz ir acolher.

E ali, desse rochedo, que as procelas
Vinhão com longos braços açoitar,
Começou a mandar as nossas velas
Os misterios do Oceano a desvendar.

O cabo. Não já fora descoberto
Mas Gil Eanes, cheio de terror,
Não quiz aventurar-se ao mar incerto
A demandar o cabo Bojador.

Porém o grande Infante que cogita
Como acabar superstições pueris,
Quer com boas palavras vêr se o incita
A cometêr o feito e assim lhe diz:

"Não sei que certidão é que os pilotos
"Da carreira de Flandres possam dar
"Sobre coisas de mares tão remotos
"De que nem cartas ha de marear.

"Não lhes deis fé, e crêde que não erra
"Quem tem, para vingar designios seus,
"Por estímulo, o amor da sua Terra,
"E por paládio, a protecção de Deus.

"Ide vós pois, e tende confiança,
"Que não ha de, acrescenta animador,
"Sêr tamanho o perigo que a esperança
"Do galardão não possa vêr maior.

Qual, se vinha quebrar, debalde, cioso
Contra Ceuta, o furôr de Tetuão,
Ameaçador, sinistro e temeroso,
Nos rochedos o mar se quebra em vão,

Que Eanes já reposto e decidido
A repelir das lendas o pavôr,
Num frágil barinel passa o temido
Nunca alcançado cabo Bojador.

E mostra que inda ali não finda o mundo,
Que a mesma terra se prolonga ao sul,
E a banha o mesmo mar largo e profundo,
E a cobre o mesmo céu sereno e azul.

Eis o temôr do pélagos se perde,
E as almas, cheias duma ardente fé,
Já passam Senegal e Cabo Verde
E penetram no Golfo de Guiné.

A's novas Costas iam pondo os nomes
Do Oiro, dos Escravos, do Marfim,
Até que uma das náus de Fernão Gomes
Atravessando o Golfo de Benin,

E em direcção ao sul marcando o rumo,
Sob o fogo dum sol abrasador
Que sôbre ela do céu caía a prumo,
Ousou passar o tórrido Equador.

Foi então que os surpresos marinheiros
Viram as Ursas a banhar no mar,
E apontando o caminho aos seus veleiros
O Cruzeiro do Sul se alevantar.

E o fogo ardente desses novos astros,
Que os lusos argonautas deslumbrou,
Como um Sant'Elmo sôbre os nossos mastros
O Mar inteiro e a Terra alumiou.

Ía-os esse clarão guiando ao longo
Do litoral, quando a rebentação
Do mar lhe abre a foz do rio Congo
Em que as náus surtem de Diogo Cão.

Apóstolo que a luz do Cristianismo
Primeiro derramou entre pagãos,
E os quiz lustrar na agua do baptismo
Para os fazer, em Cristo, seus irmãos.

E vindo ao Reino celebrar esse acto
E refrescar as fatigadas náus,
Ali voltou de novo e intemerato
Subiu a costa até vinte e dois gráus.

Já nessa latitude cêrca estava
O que ha tanto buscavam com afan:
D'África a extrêma ponta em que falava,
Na carta, a El-Rei, Pero da Covilhã.

Vai demanda-la Bartolomeu Dias
Que acoçado dum forte furacão,
Velas a meio mastro, treze náus
Andou, perdido rumo e direcção,

E só quando voltou o sol radioso,
De tantas horas de incerteza após,
Viui que tinha transposto o Tormentoso
Cabo, de bôa esp'rança para nós.

Estava descoberta, finalmente,
A marítima estrada triunfal
Que ia, entregar o suntuoso Oriente
Ao domínio do genio occidental!

* * *

Então, prôas ao mar, soltas as velas
A's lufadas do vento da Ilusão,
Vão em demanda as nossas caravelas
Do lendario país de Preste João.

Comanda a expedição Vasco da Gama
Cuja firme vontade a leva, enfim,
A Calecut, de tão pregoada fama,
Capital do orgulhoso Samorim.

Cô'a cruz de Cristo a esmaltar-lhe as velas,
E nos tópes a lábaro de Aviz,
Nunca, tão longe, ousadas caravelas
Tinham levado a gloria dum país.

Mas que semente em peitos lusitanos
De heroísmos e de Fé Deus não lançou,
Para assim cometerem dois oceanos
Que ninguem antes deles navegou!

Era a India, o emporio das especiarias,
Das drogas salutíferas... País
Do oiro, das sêdas e das pedrarias
Ametistas, topázios e rubis.

Das verdes esmeraldas, do diamante
Rival do sol no rútilo fulgor.
Do cravo, da pimenta e da prestante
Canela de aromatico sabor.

Terra das nobres Brámines altivas,
Da Hindú victima triste do Sati,
Das lindas Moiras dos harens cativas,
E da pálida hieratica Parsi.

De tudo quanto em sonho ambicionava
Para seu preço a lusa intrepidês,
Mas Deus, em seu conceito, reservava
Um maior prêmio ao genio português.

Tendo o Mar Tenebroso atravessado
Pedro Alvares Cabral chega em Abril
De Santa Cruz á praia em que ajoelhado
Ouve a Missa primeira do Brasil.

Audazes dominando os vastos pèlagos
Antes que nenhum outro o nosso olhar
Viui erguerem-se as Ilhas e Arquipelago
Como a loira Astertêa á flor do mar.

Dum Novo Mundo agora o continente
Se nos abria em sua vastidão,
Mas todo o largo solo e o mar fremente
Já não podem conter nossa ambição.

O périplo da Terra navegamos
E Magalhães, maior que Galileu,
Dando a volta do globo em que habitamos
Fez dele um astro da amplidão do céu.

Era a nossa bandeira um palio aberto
Sobre a Africa, a Arabia e o Hindustão,
Praias do mar, areias do deserto,
Brasil, Ceilão, Pegú, China e Japão.

Detentora do trafico e riqueza
Do opulento comercio oriental
Eras Lisbôa, então, mais que Veneza
Do mundo inteiro a grande capital.

Branços marfins, e jarras delicadas,
As lacas, os objectos de xarão,
As grandes ricas talhas estimadas
E as baixelas de loiça do Cantão.

Eram marfins polidos e os doirados,
Largos potes com azas de dragões,
Sobre bronzes artisticos montados,
E as lacas e policromos xarões.

Ricos tecidos de preciosas lhamas
De fios de ouro e seda, e de setim,
E os finos leques tentação das damas,
Em tartaruga, sandalo e marfim.

As pérolas de Narsinga e de Bengala
O alcanfor, mirra e benjoim de Achem,
Os tapetes da Persia e de Sofala
O ouro da custódia de Belem.

Vinham nas tuas náus todos os anos,
Com os diamantes da mais pura luz,
Os tributos dos príncipes indianos
Mais as péreas riquíssimas de Ormuz.

Através dos Oceanos via o mundo
De ouro flúido correr largo caudal
Desde o extremo da America oriundo
D'Africa e Asia, para Portugal.

Roma, Ninive, as urbes consagradas,
Nem qualquer outra antes de ti logrou
Ser cidade de tantas desvairadas
Gentes, como o cronista te chamou.

Foste só tu, fortissima Lisboa,
Quem a gloria tiveste de ostentar
Em tua frente a indisputada c'roa
De todo o imperio oceanico do mar.

Memoraram-no os padrões ao céu erguidos
Do Mosteiro e da Torre de Belem,
Na praia de onde fomos impelidos
Na nave do destino mundo alem.

Tal o sonho do Infante dom Henrique
Que inda hoje fulge, com perdura luz,
Desde Timor a Gôa e a Moçambique,
E desde Africa adusta a Santa Cruz.

E que ha de ainda, reacendendo a gloria
Da nossa antiga Fé e antigo ardor,
Assinalar em os Anais da Historia
O renascer dum Portugal Major,

A quem chamou Camões já "o alto imperio
"Que o sol primeiro vê loga ao nascer,
"Vê-o tambem em meio do hemisferio
"E o deixa derradeiro em seu descer.

Patria de navegantes e guerreiros
De misisonarios que ao sertão feral
Levam a Fé, apostos cavaleiros
Pelo Mundo em demanda do São Graal.
Que foram as intrepidas falanges
Que através de naufragios e escarcéus
Levaram junto do Indus e do Ganges
A gloria do seu Rei e do seu Deus.

Brilhantissimos feitos duma historia
Que o mundo admira e Portugal bem diz,
Conservai-os vós todos na memoria
Com devoção MOÇOS DO MEU PAÍS.

Lêde-os nessa epopeia altiloquente
Que nos legou o genio de Camões
Que deveis rezar devotamente
Como quem reza um livro d'orações.

E decora-la com cuidadoso estudo
Porque ela encerra alta lição moral:
Que o varão forte sacrifica tudo
Menos a honra, ao seu País natal.

Pois que sois vós, cheios de mocidade,
Herdeiros desse esforço secular
Que heis de exalçar co'a vossa heroicidade
O novo grande imperio do ultramar.

Heis de ser vós o plasma vigoroso
Que fluindo em ondas, leve a vida em si,
Desde as margens do Tejo magestoso
A's distantes paragens de Dili.

E arando varzeas, surribando montes
Semeando escolas e missões a flux,
Alargando da Patria os horisontes
Sereis a seiva, o sangue, a vida, a luz.

Do grande imperio colonial, legado
Do estrénuo esforço homerico de Avós,
Que Deus manda que seja levantado
Ainda, e bem alto, uma outra vez por Vós.

Direis, talvez, que a hoste é reduzida
Para o fazer... Não o cuideis, porém,
Que em defesa da Patria estremeçada
Cada um de vós ha de valer por cem.

E' vêr esse fortissimo Duarte
Pacheco que em socorro do sultão
De Katchi, defende com tal arte
E valentia o vau de Cambalão,

Que deixa o inimigo destroçado
E livre o nosso forte de Cochim.
Só com setenta homens do seu lado
Contra cinquenta mil do Samorim.

O filho de Musila o som guerreiro
Do lugubre manguna aterrorador
Ouvia taciturno, e o estrangeiro
Já nos julgava cheio de temor.

Mas qual da náu batida da tormenta
Rúe com estrondo o mastro no convés,
Caí sobre êle Mousinho com quarenta
E sete bravos e o subjuga aos pés.

E traz com o negro, cheio de surpresa,
A taça de oiro, dádiva real,
Que uma dama gentil da côrte inglesa
Ofertara ao bandido cafreal.

Não vos assuste pois a vã ameaça
Duma partilha sem razão de sêr,
Que a bondade de corvos que esvoaça
Respeita quem se sabe defender.

Nem vos confie á perfida aliança
De quem já vos traiu mais d'uma vez,
— Como o atesta, entre outras a lembrança
Da afronta do "ultimatum" que nos fêz. —

De quem mandava ao negro Gungunhana
De excelentes Sneiders um milhar
Talvez para a bandeira lusitana
Com salvas, no seu krall, poder arriar.

De quem do Lys na célebre batalha
De súbito, da frente recuou,
E, ao fogo da mortífera metralha
Dos alemães, sósinho nos deixou.

Triste, pois, do que espera que lhe acuda
Na hora tremenda da desgraça, alguém,
Que a Providencia tão somente ajuda
Quem a si proprio se ajudar também.

Que seja — Pela Patria! — o nesse brado,
Nestes tão tristes quão conturbos céus,
Que antes só do que mal acompanhado,
Mas nunca é só, que, n tem consigo Deus!

Correi, agricultai d'África o solo
Co'a pacífica enxada em uma mão,
Mas tendo a carabina a tira-colo
Que anda á espreita o leopardo no sertão.

E esta pequena terra abençoada
Que embalou vosso bérço com amor,
Será por vós de novo alevantada
Fazendo dela

um Portugal Maior!

Castellões 1936

ALVARO DE CASTELLÕES

Manguna — hino de guerra vátua

NAMPULA

(ESPECIAL)

AUGUSTO FERNANDES PANÃO,
Capitão

IE



MPOLEIRADA em sítio airoso e bonito, circundada por elevados montes de granito, alguns de formas tão estranhas e caprichosas que, como o da Cabeça do Preto, nos levariam a meditações profundas, está reservado a Nampula-a-Linda, como alguém espiritualmente lhe chamou, um próspero e ridente futuro.

Ao bravo capitão NEUTEL, expoente máximo das melhores qualidades guerreiras da raça, se deve a escôlha do local em que Nampula tem seu assento. Elevada, há pouco mais dum ano, a capital da nova Província do Niassa, quando ainda mal tinha deixado a risonha idade da adolescência, a pequenina Nampula era, como tantas outras suas irmãs, até ser

posta em execução a última reforma administrativa da Colónia, séde de uma simples circunscrição do antigo distrito de Moçambique.

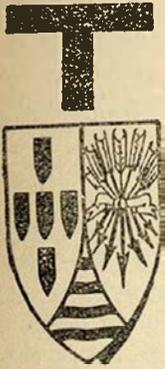
Da antiga Capitania-Mor da Macuana, em cujo local estão aquarteladas actualmente a 5ª e a 6ª Companhias Indígenas de Infantaria, apenas hoje restam, como reliquias de prístinos tempos, dois ou três edifícios, por sinal, bem conservados ainda.

Tudo o mais, tanto na sede daquelas duas unidades, como no local onde funcionam os Correios, a Administração do Concelho e as restantes repartições públicas, foi feito depois da extinção daquela Capitania.

E pouco era até o dia em que Nampula, na sua modéstia, atingiu a idade crítica da puberdade; porque se até ali podia considerar-se uma simples e azougada moçoila, de pernas ao léu e cabecita ao vento, a caminho do colégio, dali em diante não devia levar-se-lhe

TETE E O SEU DISTRITO

(ESPECIAL)



TETE, vila que agora se enrama em floração vermelha alaranjada, com laivos verdes em rebordo, a destacar a alegria das folhas candentes. é nesta época, de Outubro a Fevereiro, de aspeto festivo para aqueles que nela entram, após longa jornada através da estrada entreaberta na floresta do Barué, ou atravessado o Zambeze coalhado de areia branca com chispas rebrilhando ao sol escaldante, que neste mês atinge o mais agudo e desolador aspecto de secura. Tete está florida e as suas largas ruas, cortadas na pedra, talhadas entre rochas, em andares para o assentamento de prédios, semeados a dar largueza à terra desabitada quasi, estão oriadas de sorrisos em que o baton veio de graça divina a dar-lhe encanto.

Mas, depois que desolação! Enche o rio de lés a lés e Tete, sita na margem direita do Zambeze, enamorada de longe pelo Matundo fronteiro, na margem esquerda, fica sem graça, de suas galas despida, só rocha branca, a arder em reflexos dos raios ardentes que são beijos sequiosos, ardentes do astro rei sobre a terra que o enfeitara por suas riquezas,

a mal certos atavios e naturais inclinações de rapariga sonhadora.

Atingida, pois, a maioridade, aquela idade de devaneios e de ilusões, em que as raparigas se acostumam a rever-se ao espelho dez vezes ao dia, Nampula começou a alimentar novas e justas ambições.

Com o espelho, as caixinhas de carmim e de pó de arroz que a acompanhavam sempre aos pic-nics, na estrada de Nova Chaves ou ao Namicôpo, na machamba do capitão Sousa, postas já de parte as saínhas curtas, vá de trocar estas pelos vestidos compridos, copiados dos últimos figurinos da "VOGUE" ou de qualquer recente revista da especialidade.

Emquanto Nampula assim sonhava e crescia em desejos, novos edifícios se iam construindo nas dobras das suas saias vistosas, ou nas

Pelo DR. MARCIAL PIMENTEL ERMITÃO,
(Antigo Capitão do Exército)

pelas suas lendas e pela simplicidade da sua vida quasi monastica. E o calor é então pavoroso. Pavoroso! Mas, graças a Deus! — ha sempre uma consolação para a dôr, sempre um balsamo para a tortura! Os que em Tete vivem, consolam-se de destilarem prodigiosamente, de se desfazerem, liquifeitos os corpos com esta certesa, que parece justificar: mas ao menos o calor é seco! E ficam-se muito contentes com a descoberta, porque dispensam guelras para respirar!

Tete, capital do distrito de seu nome, é pobre, está triste, está condenada! Avançarão os anos e a colonisação, o progresso cultural, o emprego de capitaes, d'aqui, por necessidade de fixação de gentes, levar-lhe-ão a sua capital para plateaux agora distantes, mas que o caminho de ferro tornará proximos. E aonde nada ha, surgirá uma cidade, e Tete ficará alfandega e centro nervoso de comunicações e verá sair a burocratica organização de serviços administrativos e financeiros, economico e pecuario-agricola, para terras da Macanga, aonde hoje ha apenas, em quilometro estendido, largo jardim, de tres alas paralelas que craveiros e rosas bordam, a sede da administração, em Furuncungo chamado o sitio, jardim que é por si Vila incipiente, de quatro chalets minusculos de tijolo ver-

pregas e refolhos dos seus corpetes de fantasia.

E como esta febre de construções ha de continuar ainda por muitos lustros, vem pagando a matizada indumentária desta noiva naturalmente ambiciosa e sempre insaciável, seu rico padrinho, os Caminhos de Ferro, e sua remediada madrinha as Obras Públicas.

E se Mademoiselle Nampula, com todos estes presentes de núpcias, não passa ainda de uma bonita rapariga, não estará longe o dia em que, com a luz elétrica a iluminar-lhe a casa, e a água canalizada a regar-lhe os jardins, se torne justamente merecedora do sobrenome de... linda a que ousaram guindála... num certo dia em que fazia anos... o Pai Natal.

Nampula — Abril — 1936.

melho feitos. E a Vilasita vae mudando de nome, ainda não batizada solenemente, mas crismada já ao sabor das conveniencias ou subserviencias de ocasião. De resalvar é porém, culpas que não tem, a actividade do funcionario diligente e activo, de fama e tempera rija que administra e rege, que disciplina e conduz, segundo desejo seu a melhor futuro o que desorganizado anda, o que descarrilar carece ser.

No coração do antigo, lendario imperio de Ofir, terra de sonhos, que seduziu conquistadores, funantes e santos em missionaria diligencia de cristandade pregada, buscando o ouro e a prata de minas ofertadas ao reino da formosa e opulenta Sabá que, em donaires de dona caprichosa, partiu em busca de Salomão poderoso. senhor de ouro e pedrarias com que se reveste para seduzir beldades, e para alindar milhentas concubinas do Eldorado tradicional, ergue-se, capital pauperri-ma no seu aspecto, riquissima no seu subsolo, Tete, cabeça do distrito que ocupa terras dilatadas do antigo imperio do Monomotapa, do qual nos dão tradição, lendas, usos e costumes Duarte Barbosa, atravez da "Ethiopia Oriental", o santo e sabio Frei João dos Santos.

Assim se estende o distrito numa area de 125.732 Km. quadrados. E' alguma cousa de grande! Mas, muito ha a fazer! Muito!

Foi creado o Distrito administrativo de Tete por Decreto de 24 de Novembro de 1853. Em alternativas de independencia administrativa foi andando até que pela execução do Decreto-lei 23.229 de 15 de Novembro de 1933, que aprovou a Reforma Administrativa Ultramarina, o Distrito de Tete foi incorporado na creada Provincia da Zambesia e delxou de ser regido por um Governador, para passar a ter á sua testa um Intendente de Distrito com atribuições cerceadas, ilaquiado na desenvoltura de actividade que aqui tem que ser levada ao maximo, dada a necessidade de crear, de fomentar, de enriquecer este pedaço de terra Portuguesa que, encravada entre dois braços duma forte tenaz, é uma cunha metida entre territorios que nossos foram já, mas que ambições e erros levaram a perder-se para sempre, pela entrega e mutilação de territorios do que outróra foram tratos largos de terreno do esfacelado, desmembrado e inutilisado distrito do Zumbo que foi rico e progressivo, e hoje está redusido a uma pobre circunscrição em cuja sede ha ruínas cantantes, que segredam, aos ouvidos de Portugueses de alma e fé, e desgraçada canção duma saudade, duma tradição, dum poderio

perdido... Triste cantar! Resta a tradição! Vivemos ali do passado! Mas, urge, impõe-se que vivamos do presente! O Distrito de Tete, ao Norte tem por limite a Rhodesia do Norte e o Niassaland que tambem o contorna por Este conjuntamente com o Chire e territorios da Magestatica Companhia de Moçambique, tem dois rios a delimitá-lo pelo lado Sul: o Zambeze tradicional e o Pungué. A Oeste cercam-nos as duas Rhodesias.

Está pois, o distrito como formando cunha entre territorio Inglês o que deve merecer-nos cuidado, não podendo esquecer-nos da importancia formidavel dos dois caminhos de ferro que da Beira partem para a Rhodesia e Niassalandia, formando uma tenaz, cujos braços apertando-se nos podem esmagar se não tivermos prudente visão das necessidades e da obra colonisadora que nos cumpre. A meio do distrito, cortando o triangulo formado ergue-se, estende-se a larga e magnifica ponte do Zambeze. Não o esqueçamos!

Administrativamente, este Distrito que é deveras montanhoso e aonde ha regiões de optima aclimatação em plateaus que atingem 1.700 metros sobre o nivel do Mar, está dividido em sete Circuncrições Civis: A Angonia, cuja sede é um autentico parque que ao centro tem seu miradouro coberto a chorão de ouro, num apetite para poesia, e que recatado, a um canto, florindo entre roseiras, cercado de bambú, tem um minusculo cimiterio que não infunde terror, jardim formado e que ás almas boas faz deter um instante pensando na morte da pobre Mary que ali repousa cercada de rosas a contar-nos a dor e o sofrimento que a levou do beijo do homem bem amado para os beijos e bençãos de Deus, a Angonia tem por sede uma vivenda de repouso bem cuidada de Senhor feudal que a seu chateau venha descansar da fadiga do desperdicio do seu muito ter; Chicôa, rica de caça, sem comodidade, mas que oculta as celebres minas de prata tão buscadas, tão vâmente procuradas, o Bauré cuja agua é fresca, cantante, aonde o trigo se reproduz, aonde as grandes altitudes oferecem convite a colonisação e pastoricia europeizada, tem a sua sede em Vila Gouveia reclamada, em organisação de centro povoado e que diariamente desperta com o grito de alvorada, e se recolhe com o adeus de saudade ao sol que se vae, ao som da marcha da retraite militar, ainda vigorando nas tropas de Africa; Maravia com sede no Fingué aonde ha frutas, verdura, frescôr, riqueza no sub-solo e, por emquanto mais nada, mas que muito pode ser em realisações quando o dinheiro fôr em caudal, quando a

iniciativa protegida uma urbe, um centro agrícola quiser reger; Macanga, com sede no Furancungo, tem condições para fixação da raça europeia, pode ofertar semente grada de trigo e milho, pode crear pomares, ser urbe. Dela falamos já. Tem rosas e craveiros de matizes varios a mostrar que até no nada um poema pode ser creado. Rebanhos e frautas pastoris fugiram para a Angonia visinha, mas flores e poesia ficaram a sorrir, a convidar que as colhamos embevecidos como beijos em boca apetitosa; Mutarara, que de Circunscrição fiscal passou a Circunscrição Civil em 1930 ao findar o regime dos Prazos da Zambezia e aonde o algodão se produz e promete riqueza de cultura, é atravessada pelo caminho de ferro da Central Africa Railway, que passa sobre a colossal ponte que de extensão mede 3.700 metros que liga as duas margens do Zambeze; Zumbo cujas terras são restos de antiga grandesa, doadas a D. Sebastião, rei dos Portugueses por Panzagute, imperador de Muana-motapa, territorio que foi o Imperio Daude. Desde 1763 que a sede é Vila, Vila por tradição, pois que ali só ruínas ha afirmar o passado. Acrescendo a estas sete circunscrições o Concelho de Tete o distrito fica indicado, sob a sua divisão e aspecto territorial para administração do Estado.

Militarmente duas companhias de Infantaria indigena, sob comando de graduados europeus afirmam respeito a impor pela soberania Portugueza em tão vasto territorio.

Tem uma comarca. Uma comarca sem movimento mas que urge manter. Estamos em Tete bem proximo de territorio estrangeiro. Temos que afirmar organização de serviços e que garantir justiça rápida e prestigiosa. Creada por lei de 28 de Julho de 1885, foi instalada a 13 de Agosto do mesmo ano. Agitada tem sido a sua vida. Extinta por Decreto de 27 de Abril de 1893 foi restabelecida pelo primeiro Alto Comissario da Republica nesta Colonia, Dr. Azevedo e Silva —, em 28 de Junho de 1911.

E' rica esta região de Tete! Parece que em tal se não tem crido! Parece que se tomou Tete pela lenda e que só de lenda podia viver. Ofir foi sonho! Logo durmamos sobre o sonhar. E' tão bom sonhar! Mas é tão penoso realisar o sonho, trazê-lo á vida, materializando-! E dormimos sobre o sonho como se nos embalsassem braços niveos de fada dulcissima cantando para adormecer nossas energias, como se fosse possivel viver eternamente, olhos entreabertos a gosar deleite de carcias que embalam!

E deixamos inaproveitaveis riquezas fabulosas! Gados que são riqueza e que a despeito

de funcionarios zelosos, regidos por inteligencia e cultura se debatem com falta de elementos materiaes para combates a epizotias devastadoras. E que riqueza tão mal aproveitada ainda!

Redusidos são os elementos de estatistica segura para bem assegurar a riqueza pecuaria do distrito de Tete, mas pelos elementos colhidos constata-se o decrescimento do gado bovino que figurando em 1933 com 72.462 cabeças arroladas, logo decresce para 69.084 em 1934 e a 60.365 em 1935.

Organisa-se presentemente, um arrolamento consciencioso e metodico que permite bem ajusar a riqueza Pecuaria do Distrito, riqueza que vai diminuindo por causas e males varios que os Serviços respectivos tendem a fazer eliminar com medidas profilaticas e de assistencia aos gados nas regiões infectadas. O Gado Vacum, principal riqueza dos indigenas sofre rude mortandade e assim, é que de 1933 a 1935 se regista uma diferença estatistica de 12.097 cabeças o que importa necessariamente um prejuizo muito maior pois que destas cabeças, pelo menos metade, deixaram de se reproduzir. O gado ovino de 1933 para 34 aumenta de 1.220 cabeças, para logo em 1934 descer de 5.112 unidades o que, afinal resulta num decrescimo em dois anos de 3.892 cabeças, fenomeno este que, igualmente, se verifica na especie caprina que aumentando em relação a 1933 de 1.326 cabeças em 1934 logo vê decrescer pela mortalidade o seu numero para 45.000 cabeças o que nos afirma que no periodo de 1933-35 a mortalidade, a doença, a epizotia, fiseram em penoso e ruinoso cortejo decrescer de 1.508 cabeças o numero existente no ano de 1933.

A circunscrição mais rica em gados é da Angonia, aonde ha pastos abundantissimos e larguissimos tratos de terrenos ocupados pela pastoricia. Esta circunscrição apresenta em 1932, 43.457 cabeças de gado Vacum entre as 72.462 arroladas no Distrito de Tete. E' nessa Circunscrição aonde ultimamente mais caracterisadamente a mortalidade tem sido maior, causando imensos prejuizos para avaliar dos quaes basta saber que cada boi é vendido á rasão de duas ou tres libras pelo indigena creador, rasão esta que levou os Serviços veterinarios do Distrito a iniciar uma inteligente e activa campanha tendente a combater o mal grassante, quer pela criação e construção de tanques carrapaticidas quer ainda por assistencia direta do medico-veterinario do Estado e seus auxillares, no desenvolvimento habilissimo duma sabia politica indigena e economica, com aspectos deveras interessan-

tes. E sobre esta riqueza imensa Tete, sem comunicações faceis com o mar, sem mercados que asseguram o seu desenvolvimento vive ainda do sonho do Eldorado que um dia surgirá esplendorosamente a trazer em bernal recheado as libras dum novo Salomão de lenda, rico, faustoso e brilhante, a continuação duma era de prosperidade outróra vivido por tradição, nos reinos de Sabá! O manancial porem, parece mudo a suplicas dos sonhadores e estes iludidos, dormem miseraveis sobre um tesouro! Sonham riquezas e ao despertarem em cada manhã veem mais aumentada pela inercia do dia anterior, a pobreza de seus trajos rotos e debicados pelos passaros que voam mais alto que o sonho e buscam a vida aonde ela pode saciar-lhes interesses. E acoitam-se pelo Niassaland, pelas Rhodesias, enquanto nós dormimos...!

Sobre o aspecto agricola são grandes as possibilidades, sem duvida. Mas não ha mercados! Mas, não ha drenagem de produtos, não ha incitivos, não ha recompensa para o esforço dispendido! E, no entanto, ha as regiões planalticas de Macanga, da Angonia, da Maravia, ha as elevações do Barué fertilissimo, inexplorado tudo, sossobradas todas as iniciativas num desolador e confrangedor abandono que nos faz tristesas. E tanto podemos! E tanto podemos! Mas eu creio que breve resolução terá o problema pois que na Colonia se pensa em abrir comunicações rapidas com o mar e com mercados para aonde se faça uma exportação que incite, que anime, que enriqueça esta região riquissima, e garanta aos colonos o justo premio do seu sacrificio e do seu labor! A alegria que um dia senti, percorrendo o Bié, em Angola queridissima e sedutora, vendo na reserva indigena, os pretos cultivando, guiando a charrua que bois puxavam ainda a espero sentir nesta terra Portuguesa tambem! O algodão de ensaios passou já a ser cultura, ha o milho e o trigo, amendoim e o tabaco, arroz e mapira, as batatas e o feijão, o café e o tabaco como mananciaes de fartura! Ha frutas e possibilidades do desenvolvimento horticola das regiões planalticas! Ha riqueza sobre a terra, ha riqueza no sub-solo. Portugal estender-se-á em terras de Tete, no desenvolvimento conjunto e progressivo desta Colonia a justificar as lendas da Etiopia oriental em que em tempos de meninice viamos reis coroados de pedrarias, gigantescos elefantes a dorso transportando ouro e especiarias num comercio que sedusia, que creava alma, orgulho e encantamento, ao evocar do esforço dos que a

India buscavam para regressar em gloria, senhores do mundo...

Sobre clima que diser? Que se esturra por veses, que nos liquifasemos por outras! No entanto, o Observatorio Campos Henriques, dá-nos numeros que nos recompensam do calor sofrido em medias desconcertantes: a media mensal mais elevada em 1934 foi registada em Tete em Dezembro, e fixou-se em 30,9 e a menos elevada, no mez de Junho, na circunscrição da Maravia, em Vila Vasco da Gamma em que se marcaram 15 graus e 4 decimas! Porem nestes 22 dias do mez de Novembro corrente, o Posto Meteorologico de Tete dá-nos a media de temperatura de 37 graus! E' desconcertante! Nestes 22 dias houve um dia registado com 44 graus, dois com 41 graus, um com 43 e outro com 42 graus, tres de 39 graus, etc., sendo a menor temperatura registada de 33 graus!

No Distrito de Tete, pobre na sua exploração, rico no que ha a desenvolver e fomentar a grande via de comunicação é a que nos oferta o grande Zambeze, agora, tão seco e ressequido como velho mumificado a recordar em saudade, no qual durante 6 meses ha farta navegação em vapores de rodas que, quaes D. Juan, vaidosos, levam anchas barcaças a seus bordos para carga que vão deixar a Sena e Murraça ou, mais longe, ao Chinde, ao mar, ao Indico das caravelas de antanho...

Ha Estradas. 16 estradas nos ligam ás diversas regiões do Distrito extenso á Rhodesia do Sul, Nyassaland e Companhia de Moçambique, permitindo ainda a ligação com a capital da Colonia no prazo de 5 dias. Destas 16 Estradas 4 são consideradas de 1ª ordem, outras tantas de 2ª ordem, e as 8 restantes de categoria imediatamente inferior.

Asseguradas as comunicações terrestres e maritimas temos tambem, em Tete, campo esplendido de Aviação que, larga pista ensaibrada, duas rotundas larguissimas a permitirem descongestionamento de aparelhos, convida a aterrissagem. Ha semanalmente correio e transporte de passageiros para a Europa, da Colonia, da Europa e Madagascar. Duas veses, pelo menos na semana, grandes aviões cortam o espaço sobre Tete a afirmar que o progresso se enraíza. Liga-

se Tete com o mundo pela via aerea e pelas comunicações telegrafico-postaes e radio-telegraficas, sendo assegurados estes serviços por meio de 16 estações telegrafo-postaes, 4 estações postaes, por 1.625 quilometros de linhas telegraficas, e por potente estação ou Posto de T. S. F. com a potencia de 500 Wats de onda contiua-curta.

Em materia de Caminhos de ferro vivemos na esperança da efectivação do largo projecto de desenvolvimento da rede ferroviaria da Colonia. Atravessa o Distrito o Trans-Zambeziano, na Circunscricção da Mutarara, vindo dos territorios da Companhia de Moçambique, nascido na Beira, cujo porto é importantissimo e está belamente apetrechado, dirigindo-se para a Rhodesia do Norte até o famoso e decantado lago do Nyassa. Pensa-se, na Direção dos Caminhos de Ferro da Colonia, na ligação da linha de Caminho de Ferro de Moçambique, atravessando o Niassaland e que, construido, viria a servir os planaltos da Angonia, Furancungo e Maravia até á Rhodesia do Norte. Estuda-se tambem o caminho de ferro denominado de 'Tete a que as Minas do Moatize e outras que se explorarão, a agricultura que o proprio caminho de ferro fomentará e as industrias que o fomento da Colonia criarão, garantem trafego e rendimento.

Porque de minas falamos, de novo afirmo que geologos, engenheiros e pesquisadores garantem a existencia de magnetite, oligiste, ilmenite, prata, ouro, cobre, ferro, hulha e em tal abundancia que torna frequentes as caravanas de candidatos a ricos, em busca de minas que preenchem o sonho de grandesa que os anima. O Eldorado! O Eldorado! Pobres viandantes da preguiça que baseiam todas as aspirações no renascer de Ofir, sem capitaes, sem iniciativas, esquecidos do velho principio de que uma mina para ser explorada outra mina requer!... Mas, que o sonho se realise! Que ele se realise, não em pesquisas infantis de sedução pela poalha de ouro, mas pela congregação de esforços, pela criação de fartas companhias da Colonia para que novos empreendimentos se cumpram e iniciem, dando o pão a muito lar, trabalho a muito braço, satisfação á Vida a tantos que da vida andam desiludidos, vencidos pelas dores e tormentos e que no desenvolver da riqueza coletiva, encontrem, alfim, a solução ao problema da sua existencia! Criem-se Companhias e industrias se desenvolverão! Proteja o Estado e anime iniciativas e a riqueza surgirá! Coloquem-se actividades, aproveitem-se esforços dispersos e a mina abrir-se-á na feli-

cidade de caça ninho sem fome, aonde avesitas se criem alegres para um novo alvorecer, para amarem a terra, para bem dizerem o trabalho fecundante que riqueza ofereceu á vida para que nasceram!

Ha no Distrito minas de prata? Da antiguidade vem a tradição de que a Chicôa é de prata rica. Já Fr. João dos Santos escreveu. "que assim todas estas confrontações parece que provam ser esta terra de Fura, a verdadeira região de Ofir!"

Ha ouro! Não o podemos duvidar! Quem escreve estas linhas, por encargo profissional, manifestou minas de ouro para outros... Ha ouro! Ha carvão de pedra em largas, productivas minas, que envolvidas são por larga cinta de ferro! Riquesa imensa! Que sonho! Ha cobre! Haverá aço! Altos fornos productivos! Riquesa, riqueza! Riquesa nesta terra de Tete aonde eu sonho felicidade, aonde ventura eu fiz nascer no pensamento atribulado que que-re realizar ventura, para Viver! Para Viver! Para Viver! O Eldorado nascerá do nosso esforço! Nesta terra eu faço nascer felicidade, enebriado pelo sonho dum renascimento de vida que morreria se não fosse a esperança que sorri para um futuro mais, muito mais belo. infinitamente grande!

Eldorado bemdito do meu coração! Eldorado sacrosanto do direito á vida!

Ha riquezas do sub-solo! Mas apenas, uma actividade productiva! A Companhia da Zambezia tem privilegios mineiros neste Distrito e regula-se por uma legislação especial que, em obediencia a decreto de Outubro de 1901, o Governo Central a pedido da Concessionaria agrupou em disposições constantes do Decreto de 20 de Fevereiro de 1903. Da Companhia da Zambezia nasceu em 1911 a "Zambezia Mining Development Ltd." a qual em 1919 fez fundir a "Societé Minière & Géologique du Zambeze" que é no Distrito a unica exploração mineira conscenciosa, metodica e inteligente! Neste Distrito aonde já foram exploradas as minas de ouro da Machinga, da Grafite, em Mocutumula, na circunscricção da Angonia, de cobre em Caroabassa e na Chiuta, e ferro já pesquisado e submetido a analises que o dão como superior ao melhor ferro das minas suecas!

Por emquanto a "Societé Minière" limita-se á extração e exportação de carvão cuja analise garante que de cinsas tem 11 a 14 %, materias volateis 22 % e menos de 1 % de enxofre, o que significa que a hulha é das melhores e das mais apreciaveis para fins industriaes! A exploração faz-se no Moatise a duas desenas de quilometros, aonde nasceu

habitações, dia a dia mais confortáveis e melhorando, com uma higienica e enternecedora aldeia para indigenas mineiros, todas de branco caiadas, paredes alvas, lavadas, a crear habitos de conforto ao que trabalha. Região extraordinaria essa! No decurso de 1935, tivemos que faser o manifesto de varios claims mineiros de varias especies e assim é que, em 30 de Março manifestamos para a "Societé Minière" 2 claims mineiros de cobre, em Kakanga, proximo do Moatize, junto a esta região, em Mamanila, foi descoberto um jasigo de ferro, junto, muito proximo aos jasigos de carvão, e que manifestamos em 15 de Junho, reservando para a manifestante 4 claims; em 29 de Julho novo manifesto de 25 claims de hulha, no Moatise. Hulha junto a ferro e cobre! Que industrias não surgirão pelo aproveitamento destas riquezas? Finalmente, e a assegurar a riqueza aurifera da região, em 26 de Outubro, foi feito o manifesto tendente a reservar para a "Societé Minière" 60 claims de ouro filão, em Kasunca, ouro que, sujeito a analise, deu esta percentagem formidavel, quasi inconcebivel: por cada tonelada apuraram-se 89 gramas de ouro!

A' frente da exploração não está nenhum incompetente que a vaidade sedusa. Está um engenheiro de minas, consciencioso, prudente, inteligente que não busca na charlatanismo facil o embasbaquecimento dos lórpas. Com todas as reservas formula os seus relatorios e faz constatar pelas entidades officiaes, pelos tecnicos o que investiga e descobre. Recentemente foram as instalações visitadas por 4 Chefes de Serviço da Colonia, por ventura incredulos de tanta possibilidade e ali foram verificar por seus olhos, o que o sub-solo oferta á exploração e ao emprego de capitaes, o engenheiro diretor dos Caminhos de Ferro e Portos da Colonia, o diretor dos Serviços de Agrimensura que é ao mesmo tempo Engenheiro-Fabril do Exercito, o engenheiro geologo, representante do Departamento de Minas, e o Engenheiro-Agronomo, Chefe dos Serviços de Agricultura desta riquissima Colonia que o Indico beija e acarinha.

A "Societé Minierè" representa na economia do Distrito e da Colonia alguma riqueza que aumentará á maneira que os seus serviços se forem aperfeiçoando e aumentando com novas explorações e alargamento da actual. Actualmente tem em serviço 3 Belgas e 8 Portugueses, nascidos na Europa, ao qual pagou no primeiro semestre de 1935 Esc. 275.000\$00. Empregou uma media mensal de 347 indigenas que em 151 dias uteis forneceram 31.226 jornaes de trabalho, e os quaes cobraram de salarios Escudos 160.000\$00, isto é, a Societé paga diariamente 1.060\$00 de salarios a indigenas.

Com os serviços sanitarios dispendeu em egual periodo Esc. 24.000\$00 e comprou na Colonia mercadorias num total de Escudos 227.000\$00, tendo entregue de Cambiaes um total de £ 2.508.

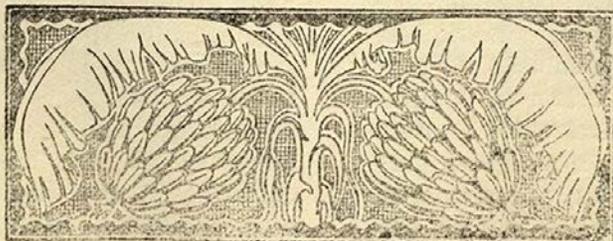
Extraíram-se em seis meses ou seja em 151 dias uteis de trabalho, 7.400 toneladas brutas de carvão que produsiram 3.978 toneladas de carvão vendavel, tendo vendido do seu estok 6.840 toneladas, transportadas em 88 vapores com 176 lanchas.

E' pouco? Não é imenso, não! Mas o inicio duma grande exportação, duma enorme actividade que será progressiva e constantemente maior. Por emquanto tem-se feito galerias e abertura de poços na mina primitiva. Em breve será o novo filão, será o cobre, será o ferro, será o ouro que arrastam novas instalações, que pedem mais braços, que exigem mais capitaes, mais movimento, mais riqueza, mais laboração da qual resultará mais fortemente o desenvolvimento economico do Distrito, da Colonia, de Portugal Africano!

E de Tete, eis em resumo o que posso dizer e notar. Foi d'aqui que partiu a bela Beljisse, rainha de Sabá, que tinha ouro e riqueza e veio da Abissinia para buscar ouro e, de pedrarias carregada, saiu em busca do amor de Salomão, amor que é na vida o filão maior para sonhos, para lendas, para encantos, do qual se constitue a propria Vida!

Tete, Novembro de 1935.

MARCIAL PIMENTEL ERMITÃO



O PROBLEMA DA IMMIGRAÇÃO EM TIMOR

(ESPECIAL)

por PAULO BRAGA
Jornalista

IE



ENTRE as colónias portuguesas, é Timor uma das que possuem menor população europeia, quer em relação á sua superfície, quer em relação á densidade do indigenato. E se procurarmos conhecer os motivos porque é assim, teremos de concluir que três factores existem como origem do problema da imigração timoense:

- 1º) a recente ocupação e pacificação da ilha;
- 2º) a sua situação geográfica;
- 3º) o pequeno desenvolvimento que em Timor tem tido a exploração agrícola e industrial.

No problema da imigração, por sua vés, está o problema máximo de Timor, porque a ausência da imigração metropolitana dá origem á imigração árabe e chinesa, ou, por outras palavras: porque a ausência de uma imigração em absoluto útil dá origem a uma imigração que é prejudicial em absoluto, ou quasi.

Até agora, Timor tem recebido apenas duas correntes imigratórias: uma para a burocracia militar e civil (metropolitana e indiana) e outra para o comércio (chinês e árabe). Para a exploração da terra, para a valorização das matérias primas, nenhuma corrente appareceu ainda. Exceptuadas raríssimas plantações, toda a agricultura timorense está entregue aos indígenas. E é esta agricultura que constitue a atracção das correntes de imigração de índole puramente comercialista.

Por outro lado, não se tentou ainda orientar a imigração no sentido da colonização, ou seja: no sentido da terra.

A Timor não se tem ido explorar a terra, porque tem sido mais cómodo e mais facil explorar-se o indígena.

* * *

Timor não possui, por assim dizer, colonos originários. Os únicos que para lá fôram, le-

vados da Metrópole por Celestino da Silva, não abriram caminho para outros. Actualmente estão velhos os que ainda vivem. Raros são, também, os funcionários que se fixam e mais raros ainda os que se fixam e trabalham a terra. Reformados, vêem na reforma o meio de subsistencia e a ordem de deserção perante a vida com inquietações. Quando muito, fazem umas hortas idênticas ás dos indígenas ou criam búfalos como os indígenas, isto é: têm nas pastagens três, quatro ou cinco búfalos. Só há em Timor uma grande, e por acaso exemplar, plantação pertencente a um ex-funcionário (1). O resto são hipóteses de plantações, são simples hortas.

No número das emprêzas agrícolas dirigidas por europeus, geralmente ex-funcionários, pode-se citar a arruinada Companhia de Timor e a Sociedade "Pátria e Trabalho", esta florescente — mas sem pontos de vista extraordinários na sua actuação— e constituindo a realidade de um sonho do Homem que melhor viu estar na exploração da terra o futuro de Timor: o governador Celestino.

A visão de Celestino, infelizmente, não foi compreendida. Não teve, sequer, continuidade na mentalidade dos outros governadores. Por isso, quando em 1927 chegou a Timor um primeiro grupo de exilados metropolitanos, Teófilo Duarte procura aproveitá-los na burocracia e na indústria, e só excepcionalmente na agricultura. Mais tarde, em 1931, dois navios chegam da Metrópole com cerca de 500 exilados mais: médicos, engenheiros, oficiais e sargentos de regimentos de engenharia, operários industriais e agrícolas, etc. Não houve, porém, um plano de conjunto para o aproveitamento das energias deste contingente forçado de emigração que, de um momento para outro, ali aparece a pedir trabalho. Timor não estava governado por Celestino, Filomeno, Teófilo Duarte, Raimundo Meira ou por qualquer outro dos governadores que têm querido construir Timor. Estava lá, simples e unicamente, um imponente simulacro de governador. Com esse grande contingente imigratório nada lucrou a colónia. Dois anos depois regressa em parte. Ainda lá ficavam, entretanto, quasi duas centenas de indivíduos que, ho-

je, estão com cinco anos de Timor. Quantos terão sido aproveitados convenientemente?

Conclusão: Timor não tem imigração europeia aproveitada no seu desenvolvimento agrícola, na exploração das suas grandes fontes de riqueza. E, para maior desolação do quadro que procuramos apresentar, esta imigração também não surge de forma eficiente em sentido comercial ou industrial. O comércio europeu, constituído por duas ou três casas em toda a colónia, é uma vulgar imagem do comércio china: idêntico rotineirismo, idênticos processos, idênticas finalidades. A própria Sociedade "Pátria e Trabalho", na sua secção comercial, não passa de uma organização inferior, inferior até á de alguns estabelecimentos comerciais chineses ou árabes. A industria, também, apresenta realizações dos chineses que suplantam as dos europeus.

Quanto à imigração indiana, pode-se dizer a mesma coisa. Chega a Timor, fixa-se nas repartições e, alguns anos depois, reforma-se. Quando se reforma volta ao paiz de origem ou passa a viver no **dulce farniente** do futuro modestamente garantido dos cofres públicos.

Além do metropolitano e do indiano, aparece em Timor um ou outro alemão, inglês ou holandês, cuja existencia não é diferente daquelas que acabámos de expôr.

E consideremos as imigrações chinesa e árabe, constitutivas das principais correntes imigratórias, a que se seguem as dos aborígenes das ilhas vizinhas, de Java, Samatra, Kisser, etc., — mas em número restrictos.

*
* *

As mais recentes estatísticas de demografia timorense que possuímos, distribuem a população da ilha pelas seguintes categorias raciaes:

População maláia	470.517
" amarela	2.399
" branca	625
" míxta	602
" negra	152
" indú	68

Ou seja:

População total	474.363
Superfícia	18.989 Km.2
Densidade de população	24.40
Densidade de população amarela	0,12
Densidade de população branca	0,03

Vê-se, por aqui, que a comunidade chinesa preenche em grande parte a totalidade da população não-indígena de Timor (1).

E é pena que essa imigração viva apenas do comercio pela exploração do indígena e sob um clima espirítual que a torna sobremaneira indesejavel.

*
* *

Todos nós vimos já um emigrante: olhos cheios de saudades e um saquitel de pobres farrapos aos hombros. Mas se pudéssemos vêr também a alma do emigrante europeu — vê-la-íamos absolutamente entregue ao desejo de, no mais curto espaço de tempo possível, substituir o fato barato que leva por outro melhor. Deve ser este o seu primeiro sonho de emigrante.

Um dia, chegado à nova pátria começa a enraizar-se nela. E' que o emigrante europeu, e principalmente o meridional, é no fundo um sentimental. A sentimentalidade leva-o a amar. Não esquece a pátria que deixa, mas ama também aquela que o recebe e ama os irmãos no sacrificio. Em qualquer lugar que seja, a alma do europeu projecta-se em sentidos humanistas. Nunca o leva a isolar-se. Faz com que raramente esqueça o seu conforto, digamos: o respeito que deve a si próprio, e, ao mesmo tempo, leva-o a sentir a necessidade de conviver, de procurar motivos para vibração do seu sentimentalismo. E, por isso, nos países de imigração europeia, as colónias, sem bandeira, muitas vêses, chegam a adquirir características de nações e de Estados dentro do Estado. Criam as suas insituições de cultura e solidariedade; os centros cívicos, as escolas, as bibliotecas, os hospitais, as igrejas, os clubes desportivos, etc. Quere dizêr: o emigrante, embora conserve sempre o ideal de regresso à pátria de origem, **realiza-se sempre** na pátria de adopção, e **realiza-se** humanamente. De igual modo, o emigrante que vence aumenta o seu potencial de utilidade, quer em relação ao país natal, quer em relação ao país de imigração. Constróe, produz, cria. Exporta ouro? E' certo... Mas também consome ouro.

Com o emigrante oriental tudo é diferente.

Um chinês embarca com um pijama. Desembarca com o pijama. Vive dois anos com o mesmo pijama. Póde-se duvidar de que tenha sido um miseravel antes do embarque. Mas, fóra de dúvida, passou a sê-lo desde que embarcou. Viaja miseravelmente nos porões ou na coberta dos navios de carga e desembarca como um miseravel por condição e principios. No dia seguinte ao da sua chegada a um país qualquer já observou, estudou e conheceu o

ambiente. E' já um comerciante e está absolutamente adaptado ao meio. Trabalha. Trabalha e vegeta. O pijama que veste é sempre o mesmo durante dois anos. Ao fim dos dois anos compra outro que dura igual tempo. De resto... Nem o hospital, nem o centro cívico, nem a escola! Vive apenas para arranjar dinheiro, seja de que forma fôr, mas sempre blindado de persistencia e de amabilidade de carácter, agarrado ao seu sonho com o um naufrago à tábua que voga ao sabôr das ondas. Depois regressa. E na terra em que vivem alguns anos nada fica a falar da sua passagem.

Prescrutámos um pouco a existencia do imigrante china em Timor e compreendemos que a imigração chinesa é um cancro que corroee a economia da colónia, infelizmente um mal necessário pela ausência de sucedâneo.

Vimos os chinas na vida social e na vida particular. E, tiradas duas ou três excepções, todos nos concederam razões para que os consideremos prejudiciais à colonização e, antes de mais, à superiorização do indígena.

*

* * *

O imigrante china nunca se entrega aos trabalhos agrícolas e só raramente à industria. Dá-se de corpo e alma ao comércio, tendo desta actividade económica uma noção anti-civilizadora. Em geral, é apenas um explorador. Se é um comerciante ambulante, não tem casa e não tem séde: tem unicamente itinerários. Se se fixou, constróe uma habitação barata, uma casa de **pico batido** — segundo a denominação local — porque as autoridades lho impõem como **conditio sine qua non** para comerciar.

E seja em Dili, seja na Ermera, em Hatu-Lia, em Mambara ou em Bazar-Tête, o estabelecimento china é sempre a mesma coisa: uma parte da habitação do china e da sua numerosa família.

Esta habitação, por sua vèz, é uma casa construída com os materiais mais económicos admitidos por lei para tal fim. E' um chão de asfalto, sôbre o qual se erguem quãtro paredes. A' frente, um alpendre ou varanda para que dão as portas do estabelecimento. Dentro, o estabelecimento e duas ou três divisões que servem conjunctamente de armazem e de aposentos familiares. E tudo isto muito pelintra, muito sujo, muito miseravel, sob um telhado de zinco encanulado, à beira de uma estrada ou de um largo e à sombra dos ingondoeiros ou dos tamarindos, com roseiras e trepadeiras à volta.

A dependencia comercial, tambem, não varia de casa para casa: um balcão e uma parede de prateleiras ou de armários, onde se misturam mil objectos diferentes, sempre do pior que pode existir e sempre coisas de uso indígena, desde os cambati e as lipas às navalhas e aos túrie, dos gongs, aos guizos, as pulseiras e às escravas de lata a imitar prata, dos panchões chineses, as garrafas de alcool, às vèzes perfumes e pó-de-arroz baratos, espelhos, colâres de pérolas de vidro e pentes para as nonas. São os objectos que servem para a aquisição aos indígenas do café, da copra, da cêra, os objectos que não valem nada e são trocados por outros que valem ouro.

E como sacerdotes destes templos rutilantes de ninharias, os chinas, sentados no chão em posturas búdicas ou encostados aos mostruários, parecem meditar continuamente sôbre os preceitos de Confúcio ou sonhar com os campos de papoilas vermelhas, os arrozais e os rios largos da Celeste República, fumam os seus compridos cachimbos e lêem jornais de Pequim, Changai e Cantão.

Não precisam de procurar o indígena. Ele aparece com o café, a copra, a cêra, o ouro, quando precisa de um pedaço de pano, de um adorno, de uma garrafa de alcool... Aparece e entrega-se à vontade do china. Em Timor nem sequer se pensou ainda na fixação de um preço a pagar aos indígenas pelos seus produtos, em conformidade com as cotações, para a sua defêza ante a exploração comercial. Igualmente, não há o menor contróle das autoridades nas relações comerciais dos indígenas com os comerciantes. O china, por isso, oferece sempre o que lhe apetece. E o que pode apetece a um china oferecer quando vive apenas com o fito de enriquecêr depressa? Causa dó a expressão desolada dos indígenas ao ouvirem as ofertas... Leva-os, entretanto, a tentação da posse de qualquer coisa. E submetem-se sempre, sempre, à vontade dos comerciantes.

Segue-se a segunda fase da exploração: a da balança sem aferição das autoridades, feita pelo próprio comerciante, uma balança chinesa é capaz de todos os malabarismos que o dono faz oscilar como que sob o impulso da sua vontade. E qual pode sêr a vontade do comerciante quando vive apenas com o fito de enriquecêr depressa? A expressão dolorosa dos indígenas torna-se maior e é já um mixto de desprezo e revolta. O café, a cêra, a copra, o ouro, pesam sempre menos do que julgava. Mas não pode deixar de vendêr...

E chega a vèz da terceira fase da exploração. O indigena vai vendêr com o pensamento na aquisição de qualquer coisa. Pede essa qualquer coisa — que é sempre a realidade de um sonho. E o comerciante exige o que lhe apetece exigir. Haverá, porventura, um limite para as exigencias de um comerciante quando vive entregue de corpo e alma à ambição de enriquecêr depressa e sabe que ninguem lhe pedirá contas do seu procedimento?

Depois, na sua vida particular, a mais repugnante miséria. Alimentação reduzida ao mínimo e ao mais económico possível. Despezas quasi nulas com o vestuário. Rarissimamente uma ou outra diversão. Uma familia inteira de muitas gerações crescendo e multiplicando-se numa promiscuidade que re- volta...

Que exemplos dá a imigração chinesa aos indigenas? Estes, apenas: do roubo descarado, da ambição desenfreada e da miséria baixa, perfeitamente animal e deprimente.

Na vida social, projectam-se abertamente estas manifestações da vida privada dos imigrantes chinas.

Por muitos que sejam os anos de vida em Timor, só excepcionalmente aprendem o português. Pouco lhes interessa, porque não sera o indivíduo que fale português que êles hão-de explorar. Imediatamente, porém, aprendem o *tétum* e o *umbôï*, às vezes quasi todos os dialectos de Timor, porque é nos indigenas que os falam que êles vêem a fonte pujante das realidades que ambicionam.

Em Dili, a comunidade tem uma Associação Comercial, uma escola e um cemitério. E não tem mais nada, quer em Dili, quer no interior — a não sêr pequenas escolas. Nêste ponto estão em superioridade perante os europeus. O cemitério, entretanto, é sómente um pedaço de monte com túmulos... Não possuem um Hospital. Se adoecem, servem-se dos remédios caseiros — e salvam-se ou morrem. Jamais chamam um médico. E só vão ao Hospital se as autoridades sanitárias os mandam buscar.

Eis ao que se cinge a actividade cultural e solidária da Comunidade Chinesa (constituída por mais de dois milhares de indivíduos), de Timor.

E se, ao fim de meia dúzia de anos de vida na colónia, ao vê-lo regressar à patria, pudéssemos fazer um cálculo de quanto o imigrante chinês ganhou, produziu e gastou, certamente chegaríamos a resultados em absoluto concludentes da acção prejudicial do china na colonização.

A sua influencia económica, do mesmo modo, é contraproducente. O comerciante chinês é, sómente com a concorrência da Sociedade "Pátria e Trabalho" e de um ou dois pequenos comerciantes europeus, o exportador do café, das madeiras, da borracha, da copra, de todos os produtos da exportação timorense. As exportações dos chinas, porém, só numa parcela mínima correspondem a uma entrada de ouro na colónia. A sua maior percentagem fica nos bancos dos países de destino das mercadorias ou encaminha-se directamente para a China, caso que se manifesta de maneira mais notavel em relação aos comerciantes instalados nas Indias Neerlandezas, e sobretudo em Makassar, que possuem filiais em Timor.

* *

Com a comunidade árabe, embora sob aspectos menos degradantes, succede a mesma coisa no que respeita ao comércio.

Os árabes, entretanto, fixam-se mais na colónia, têm hábitos mais civilizados, dão-se menos às ambições sem limites e, uma vèz por outra, aproveitam a pequena indústria para modo de vida. Além disso, são em número muito menor.

* *

Urge uma série de medidas tendentes a tirarem da imigração de Timor o maior número de utilidades possíveis.

O aproveitamento da imigração chinesa em serviço da colónia deve constituir um dos pontos de vista dos governos, uma vèz reconhecida a impossibilidade de a ela se opôr uma imigração metropolitana desejavel.

Para isso, é necessário, de início, a fixação numérica da comunidade chinesa, ou, pelo menos, da quantidade de chinas admitidos no exercício de actividades comerciais. Não há o direito de se permitir um comércio vegetativo pela existencia de estabelecimentos em número demasiado para as possibilidades acquisitivas da população. — facto este que se nota tanto em Dili como nas circunscrições —, comércio que subsiste à custa da exploração ilimitada dos indigenas e sem a compensação de utilidades materiais ou espirituais para a colónia.

A esta fixação deveriam seguir-se outras medidas capazes de influirem na dignificação da comunidade como núcleo populacional e como exemplo diariamente posto antes os olhos dos naturais. Deveria, por isso, sêr impelida a possuir instituições de cultura e solidariedade (hospital, maternidade, crèche, azilos, escolas, etc.) suficientes para as neces-

sidades dos seus componentes; a aprender o português para permissão de estadia na colónia; a só sair de casa com vestuários que fôsem um pouco além do pijama e das sandálias, como acontece nas vizinhas Indias Neerlandêzas; enfim, a gastar na colónia parte do dinheiro que fôr ganhando e a têr uma vida decente, civilizadora — e não mais miseravel do que a dos próprios indigenas.

Como vimos, a imigração chinêsa, tal como existe, é contraproducente sob qualquer aspecto em que a consideremos. A economia da colónia é a principal prejudicada. Seguem-se os trabalhos de civilização. Por fim é prejudicada toda a população, completamente enfeudada a um comércio inferior e retrógrado.

O ideal desejavel estaria em colocar-se ao lado do comércio china um comércio europeu. Impossivel. O china é um concorrente "hors-concours"... O ideal oportuno e exequivel está na dignificação forçada da imigração oriental.

* * *

Não é esta, apesar-de-tudo, a expressão mais em evidencia do problema da imigração em Timor. E' no rumo seguido por ela, natural, ou imposto, que o problema atinge os fenómenos característicos da exigencia de uma rapida solução.

Orientar essa imigração no sentido da terra — eis o princípio de governo que a colónia exige.

Por enquanto só se pode contar com a exploração agricola do indígena. Esta, porém, é restricta e incompetente.

Os potenciais de riqueza continuam inaproveitados. Entretanto, a agricultura, em qualquer dos seus ramos, apresenta-se prometedora em possibilidades. Timor pode e deve sêr S. Tomé e Príncipe no Oriente.

No campo industrial, igualmente, inúmeros factos exigem um estudo das possibilidades da colónia — que comece pela rectificação das suas riquezas do sub-solo e se faça com o convencimento, no grupo de indústrias transformadoras, de que os 700.000 habitantes de Timor são já hoje ou serão em breve uma força acquisitiva que se não deve desprezar.

Em conclusão: o problema da imigração em Timor tem as suas premissas em duas certezas:

a) a da necessidade de se limitar a imigração que tende à exploração comercial do indígena;

b) a da necessidade de se fomentar a imigração dirigida à terra.

E, actualmente, o problema da imigração é o problema primacial de Timor.

Lisbôa, 1936.

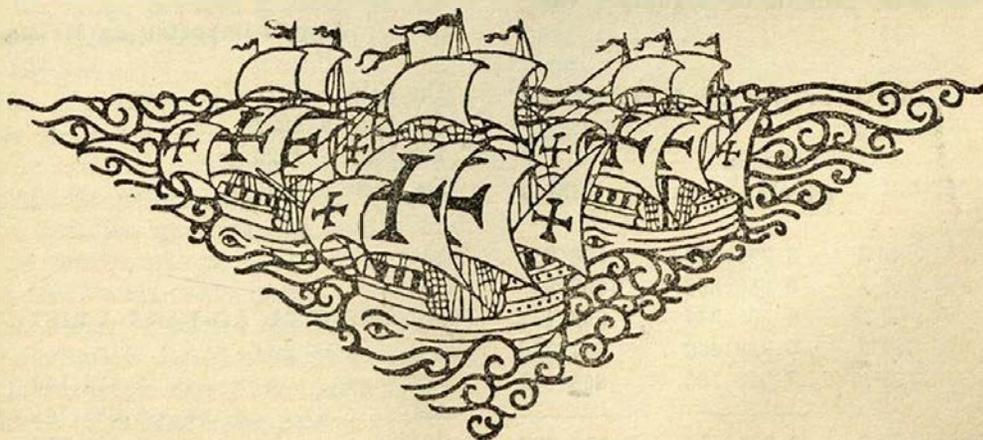
PAULO BRAGA

(1) A plantação de Punilála (Ermera).

(2) Os números desta estatística pertencem ao Resumo Estatístico do Império Colonial Português, de 1935, que pouca confiança merece. Segundo o Anuário Estatístico de Moçambique de 1934, a população de Timor é de 463.317 individuos, fundando-se este quantitativo no Inquérito à população, de 1929. Em Timor, entretanto, conhecidas as dificuldades dos censos demográficos entre a sua população indígena, considera-se esta muito superior, isto é, de cerca de 700.000 individuos.

Dos 625 individuos de raça branca que vivem em Timor, não deve ir além de uma quarta parte o número dos que nascêram na Europa.

P. B.

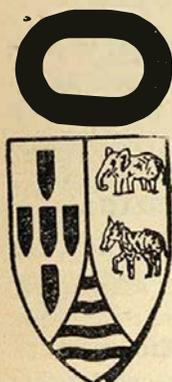


Comércio Externo de Angola

(ESPECIAL)

por MANUEL NUNES FARINHA

Director dos Serviços Aduaneiros de Angola



O TEMPO de que disponho não me permite desenvolver o problema enunciado, sob o aspecto restrito a cada produto de Angola, até hoje tem importado e exportado.

Solicitado, porém, para escrever sobre qualquer assunto que interesse á economia da Colónia, não quero deixar de corresponder com a minha humilde contribuição

para que o prestantissimo e brilhante Boletim da patriotica Sociedade Luso-Africana do Rio de Janeiro, com tão relevantes serviços prestados á Nação Portuguesa, pòssa levar ao conhecimento dos seus escolhidos leitores os números que representam a actividade commercial de Angola, nos últimos anos, nas suas relações com o exterior.

E, assim, sem os méritos que possuem os componentes da brilhante pleiade de colaboradores do Boletim da Sociedade Luso-Africana do Rio de Janeiro, eu vou tentar apresentar aqui, o mais nitidamente possível, o movimento acima mencionado, discriminando-o por fórmula a dar uma ideia das posições occupadas por cada um dos países que, com Angola, mantêm relações comerciais.

O movimento commercial com a Metrópole, a partir de 1915, atingiu os seguintes valores:

IMPORTAÇÃO DA METROPOLE

Anos	Moeda angolana (1)	Libras
1915	3.893.659	576.838
1916	5.655.850	802.248
1917	4.265.244	552.492
1918	5.919.600	737.185
1919	7.213.105	863.845
	<hr/>	<hr/>
	26.094.458	3.532.608

1920	15.988.967	712.838
1921	23.144.411	555.288
1922	48.154.838	736.763
1923	84.025.672	798.723
1924	104.962.133	783.592
	<hr/>	<hr/>
	276.276.021	3.587.204

(1) — Até 1928 os números representam escudos angolanos; desde 1928 representam angolares.

1925	111.437.433	1.140.374
1926	76.246.541	802.595
1927	81.745.163	844.649
1928	87.694.844	806.686
1929	123.504.322	1.138.814
	<hr/>	<hr/>
	480.628.303	4.733.118
1930	91.833.684	838.434
1931	65.535.968	600.311
1932	91.900.205	840.192
1933	97.054.340	914.572
1934	90.994.905	811.802
	<hr/>	<hr/>
	437.319.102	4.005.311

RESUMO:

Angola importou da Metrópole

De 1915 a 1919	3.532.608
De 1920 a 1924	3.587.204
De 1925 a 1929	4.733.118
De 1930 a 1934	4.005.311
	<hr/>
	15.858.241

EXPORTAÇÃO PARA A METROPOLE

1915	5.083.149	753.059
1916	5.885.764	834.860
1917	4.510.977	584.323

1918	6.369.211	793.177
1919	9.798.318	1.173.451
	<hr/>	<hr/>
	31.647.419	4.138.870
1920	13.099.108	583.999
1921	22.943.772	550.474
1922	66.178.033	1.012.516
1923	106.699.914	1.014.257
1924	191.471.956	1.429.428
	<hr/>	<hr/>
	400.392.783	4.590.674
1925	161.723.814	1.654.971
1926	125.309.385	1.319.046
1927	126.292.206	1.304.941
1928	107.021.862	984.471
1929	106.742.725	984.257
	<hr/>	<hr/>
	627.089.992	6.247.686
1930	92.595.878	845.377
1931	82.270.995	753.604
1932	112.033.708	1.024.223
1933	140.495.144	1.323.890
1934	133.771.847	1.216.107
	<hr/>	<hr/>
	561.167.572	5.163.201

RESUMO:

Angola exportou para a Metrópole

	Libras
De 1915 a 1919	4.138.870
De 1920 a 1924	4.590.674
De 1925 a 1929	6.247.686
De 1930 a 1934	5.163.201
	<hr/>
	20.140.431

Verifica-se assim, que nos vinte anos referidos houve um saldo positivo a favor de Angola nas suas trocas com a Metrópole de £. — 4.282.190.0.0.

Eses saldo representa, até certo ponto, o aumento de valor das mercadorias manufacturadas pela industria metropolitana, em relação ás materias primas exportadas de Angola, e não significa que Angola fique a lucrar naquele movimento nem nas suas relações com a Mãe-Pátria, visto que a actividade dos colonos, duma maneira geral, resulta tambem em beneficio desta; além de que, uma parte das mercadorias exportadas para a Metrópole, são de lá reexportadas para o estrangeiro.

Não há, pois, duma forma geral, um grande saldo de beneficios em favor de qualquer das partes. Este movimento resulta como necessidade de expansão das actividades portuguesas e não póde o país dispensá-lo em qualquer altura nem em qualquer emergencia, pois tudo indica até que tende e intensificá-lo.

Grandes ou pequenos todos os países têm necessidades a satisfazer que não se circunscrevem ás suas Metropoles, e Portugal tem demonstrado através dos tempos, as suas faculdades de povo trabalhador, e creador de elementos de riqueza, util para a humanidade.

Constata-se ainda, que o movimento de trocas com a Metrópole, aumentou consideravelmente a partir de 1925, pelo que respeita á importação daquela proveniencia e desde 1922 no respeitante á exportação de Angola para lá.

Isto demonstra que as nossas actividades não têm estado estacionarias nem improgressivas e que caminhamos mais depressa do que os invejosos da nossa situação perante o Mundo, procuram fazer acreditar.

No que respeita ao comercio de Angola com as restantes Colonias Portuguesas, temos os seguintes numeros:

* * *

QUANTO A' IMPORTAÇÃO FEITA EM ANGOLA

Das COLÓNIAS PORTUGUÊSAS

	Moeda angolana	Libras
1915	92.563	13.713
1916	217.980	30.919
1917	66.337	8.593
1918	42.911	5.344
1919	219.662	26.307
	<hr/>	<hr/>
	639.453	84.876
1920	357.357	15.932
1921	440.192	10.561
1922	505.260	7.730
1923	1.423.343	13.529
1924	2.429.963	18.141
	<hr/>	<hr/>
	5.156.115	65.893
1926	1.095.717	11.534
1927	1.152.386	11.907
1925	3.554.295	36.732
1928	1.069.075	9.834
1929	674.909	6.223
	<hr/>	<hr/>
	7.546.382	75.870

1930	826.056	7.542
1931	504.229	4.619
1932	585.701	5.354
1933	247.087	2.328
1934	910.719	8.125
	<hr/>	<hr/>
	3.073.792	27.968

RESUMO:

Angola importou das Colónias Portuguesas

De 1915 a 1919	84.876
De 1920 a 1924	65.893
De 1925 a 1929	75.870
De 1930 a 1934	27.968

254.607

QUANTO A' EXPORTAÇÃO DE ANGOLA

Para as Colónias Portugêsas

	Moeda angolana	Libras
1915	284.287	41.117
1916	715.582	101.502
1917	580.054	75.136
1918	599.135	74.612
1919	967.904	115.917
	<hr/>	<hr/>
	3.146.962	409.284
1920	2.549.166	113.650
1921	3.733.561	89.577
1922	9.266.733	141.780
1923	12.225.245	116.210
1924	14.422.547	107.671
	<hr/>	<hr/>
	42.197.252	568.888
1925	12.262.464	125.486
1926	10.526.667	110.807
1927	11.340.070	117.174
1928	9.747.915	89.669
1929	11.099.364	102.345
	<hr/>	<hr/>
	54.976.480	545.481
1930	8.654.735	79.016
1931	5.533.044	50.863
1932	5.977.029	24.643
1933	4.308.387	40.598
1934	3.057.472	27.795
	<hr/>	<hr/>
	27.530.667	252.735

RESUMO:

Angola exportou para as outras Colónias Portugêsas

De 1915 a 1919	409.284
De 1920 a 1924	568.888

De 1925 a 1929	545.481
De 1930 a 1934	252.735
	<hr/>
	1.776.388

Constata-se que Angola tem exportado mais para as Colónias Portugêsas do que aquilo que de lá tem recebido.

Resulta êste facto de Angola produzir tudo ou quási tudo o que produzem as restantes Colónias, e mais ainda certos gêneros que, pelo menos em certas ocasiões, naqueles territorios escasseiam.

A diminuição do movimento de importação em Angola resulta, em especial, da Colônia que toca aos generos coloniais ou mercadorias que as outras Colónias produzem.

tender, tanto quanto possivel, para a produção que satisfaça ás suas necessidades, pelo

E quanto á exportação, resulta a baixa do facto de as outras Colónias estarem, já hoje, a produzir quasi para si, ou a exportar tambem, os mesmos generos ou mercadorias que Angola produz.

Mas, Angola não se fechou para nenhum dos outros povos, donde resulta que a Metropole não reservou para si os beneficios que porventura lhe adviessem do facto, de Angola, fazer parte integrante da Nação Portuguesa.

E a prova está em que o movimento comercial da Colonia com a Metropole teve, no periodo referido, o volume acima mencionado que, comparado com o que foi feito com o estrangeiro, não apresenta uma differença superior a 9,8 %, a favor de Portugal.

Vejamos:

A importação de territorios portuguezes, foi de	£. 16.112.848
A exportação para territorios portuguezes, foi de	£ 21.916.819

SOMMA £. 38.029.667

A importação de territorios estrangeiros, foi	£. 19.118.477
A exportação para territorios estrangeiros, foi de	£. 12.144.724

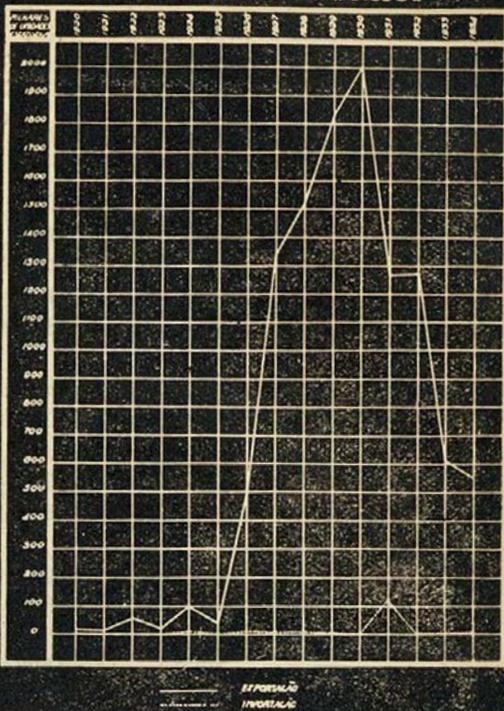
SOMMA £. 31.263.201

Como se vê, num movimento de £ 69.292.868, em vinte annos, 54,59 % pertencem a Portugal e 45,41 % ao estrangeiro.

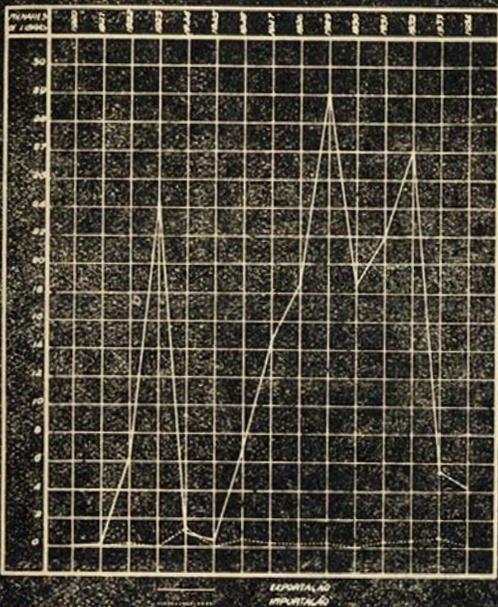
A percentagem que coube a cada uma das partes, em cada anno, foi: — (vide pag. n.º 24).

Para t ermo de compara o do movimento do comércio externo de Angola com algumas das Colónias e Domínios estrangeiros nos últimos anos, temos os gráficos Nos. 1 a 6, que os leitores apreciarão e d'eles tirar o as naturais conclusões.

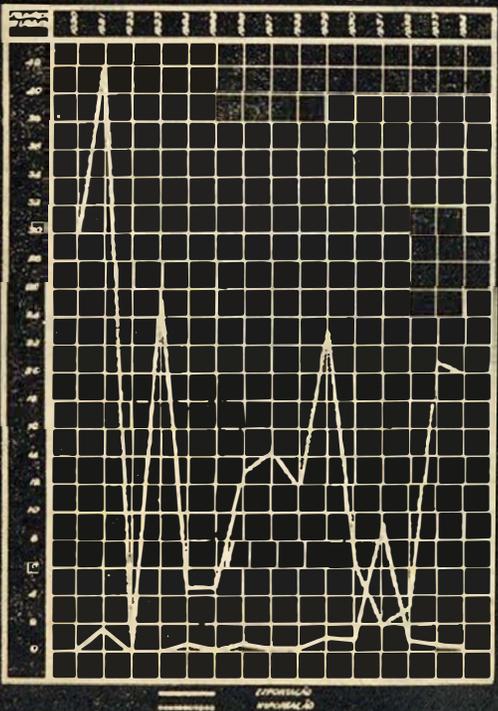
COL NIA DE ANGOLA
COMÉRCIO COM O CONGO FRANCES.



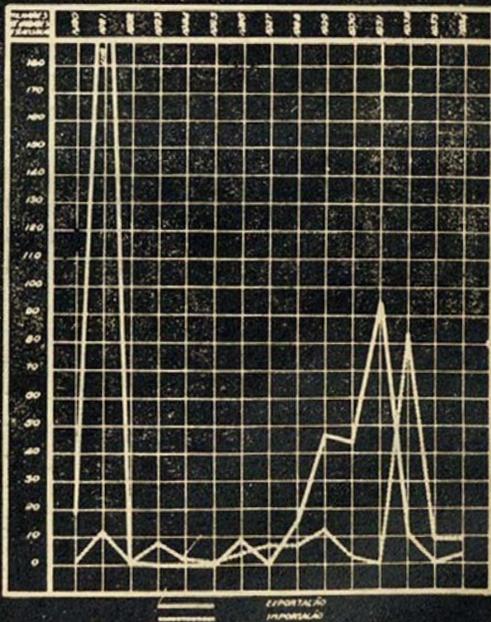
COL NIA DE ANGOLA
COMÉRCIO COM O CONGO FRANCES.



COL NIA DE ANGOLA
COMÉRCIO COM A UNIÃO SUL AFRICANA



COL NIA DE ANGOLA
COMÉRCIO COM A UNIÃO SUL AFRICANA



NA IMPORTAÇÃO

Anos	Metrópole	Colónias Portuguesas	Colónias Estrangeiras de Africa	Restantes Territórios	TOTAL
1915 ..	72,759	1,729	2,772	22,740	100
1916 ..	67,982	2,620	1,083	28,315	100
1917 ..	71,126	1,107	9,984	17,783	100
1918 ..	67,923	0,492	5,735	25,850	100
1919 ..	67,651	2,060	6,277	24,012	100
1920 ..	65,561	1,465	3,531	29,443	100
1921 ..	50,068	0,952	4,703	44,277	100
1922 ..	54,318	0,570	1,821	43,291	100
1923 ..	35,942	0,609	2,148	61,301	100
1924 ..	31,511	0,730	1,360	66,399	100
1925 ..	44,021	1,404	2,124	52,451	100
1926 ..	32,596	0,468	3,024	63,912	100
1927 ..	28,752	0,405	1,797	69,046	100
1928 ..	32,502	0,396	1,410	65,962	100
1929 ..	39,305	0,215	1,480	59,000	100
1930 ..	37,387	0,336	0,901	61,376	100
1931 ..	44,593	0,343	1,167	53,897	100
1932 ..	47,992	0,306	1,692	50,010	100
1933 ..	55,154	0,140	1,779	42,927	100
1934 ..	54,481	0,545	1,951	43,023	100

O desenvolvimento do movimento commercial com os paizes estrangeiros, consta do

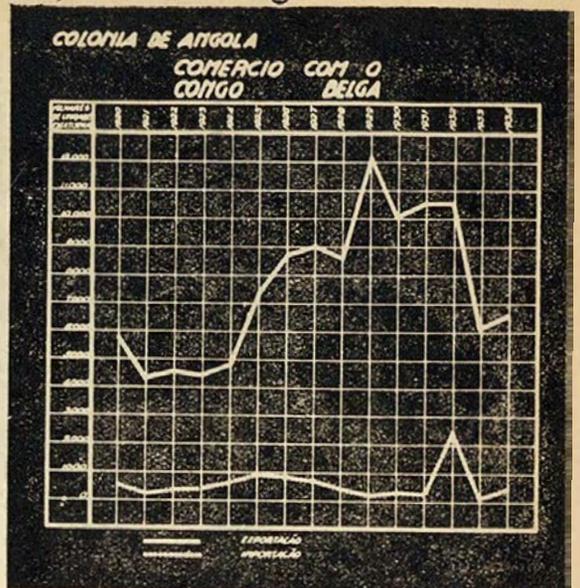
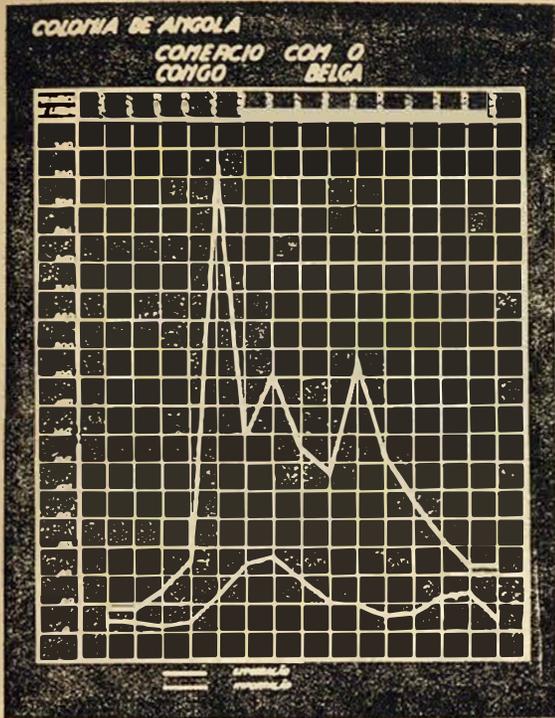
	1930		1931		1932	
	COMPROU	VENDEU	COMPROU	VENDEU	COMPROU	VENDEU
ALEMANHA	24.427.452	30.158.864	18.904.088	18.362.867	14.630.070	13.082.005
AMÉRICA DO NORTE	515.582	28.593.020	598.084	15.831.215	1.073.644	14.278.173
BELGICA	85.544.594	13.662.631	76.991.093	9.565.723	43.373.373	7.547.702
ESPAÑA	28.000	144.265	—	—	—	—
FRANÇA	600	5.768.931	569.934	3.216.782	795.591	2.784.837
HOLANDA	3.597.011	2.875.770	687.362	2.152.331	4.367.408	1.675.084
INGLATERRA	643.667	51.695.830	1.869.933	19.276.357	4.289.103	45.141.946
ITALIA	1.266.939	482.359	2.162.501	664.100	1.331.291	750.523
CANADA	—	—	100	41.090	400	31.190
GRÉCIA	—	—	250	2.402	—	—
SUÉCIA	—	—	5.000	161.406	42.120	105.217
ARGENTINA	—	—	—	—	360	10.098
NORUEGA	—	—	—	—	—	—
DINAMARCA	—	—	—	—	—	—
INDIA	—	—	—	—	—	—
JAPÃO	—	—	—	—	—	—
RESTANTES	—	—	—	—	—	—
S O M A ..	116.023.745	133.381.670	101.788.345	69.274.273	69.903.360	85.406.695

NA EXPORTAÇÃO

Anos	Metrópole	Colónias Portuguesas	Colónias Estrangeiras de Africa	Restantes Territórios	TOTAL
1915 ..	90,534	5,063	0,923	3,477	100
1916 ..	87,674	10,659	1,666	0,001	100
1917 ..	82,432	10,600	3,961	3,007	100
1918 ..	86,762	8,161	3,471	1,606	100
1919 ..	86,148	8,509	2,103	3,240	100
1920 ..	79,180	15,409	2,222	3,189	100
1921 ..	77,353	12,587	2,665	7,395	100
1922 ..	59,408	8,319	1,777	30,496	100
1923 ..	53,001	6,073	2,707	38,219	100
1924 ..	69,395	5,227	16,069	9,309	100
1925 ..	69,220	5,248	5,975	19,557	100
1926 ..	62,642	5,262	9,116	28,794	100
1927 ..	59,251	5,320	6,635	28,794	100
1928 ..	39,292	3,579	5,437	51,692	100
1929 ..	37,863	3,937	8,711	49,489	100
1930 ..	39,576	3,699	6,802	49,923	100
1931 ..	40,268	2,708	6,723	50,301	100
1932 ..	56,052	2,990	5,594	35,364	100
1933 ..	56,912	1,745	2,326	39,017	100
1934 ..	55,272	1,263	2,297	41,168	100

seguinte quadro:

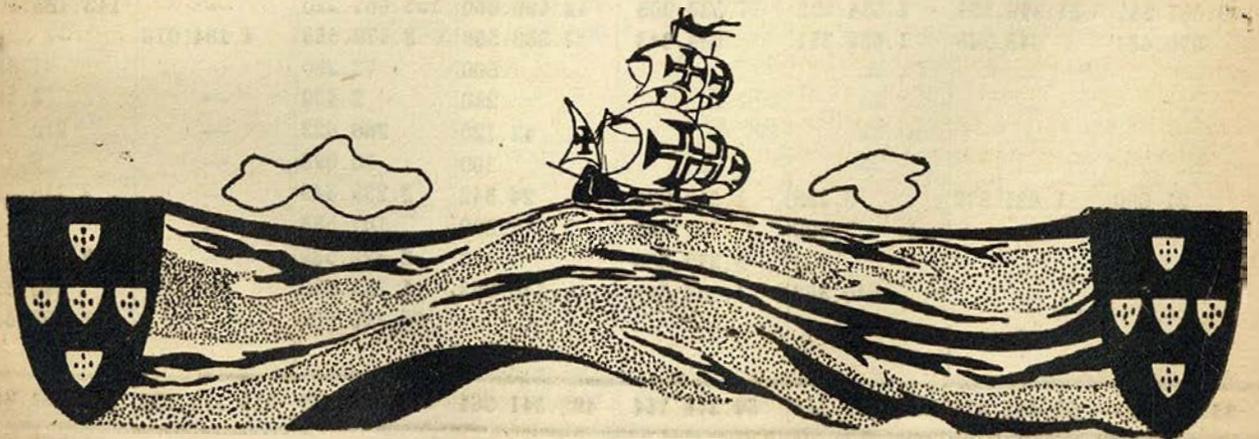
	1933		1934		TOTAL DOS 5 ANOS		S A L D O S	
	COMPROU	VENDEU	COMPROU	VENDEU	COMPROU	VENDEU	POSITIVOS	NEGATIVOS
11.600.593	14.017.732	8.615.709	12.534.309	78.177.912	88.155.777	—	9.977.865	
1.547.262	9.071.261	4.243.143	11.033.829	7.977.715	78.807.498	—	70.829.783	
74.893.894	7.288.349	78.805.409	8.321.646	359.608.363	46.386.051	313.222.312	—	
43.200	656.859	—	—	71.200	801.124	—	729.924	
1.629.433	2.698.398	1.174.671	2.463.002	4.170.229	16.931.950	—	12.761.721	
1.839.201	1.481.072	1.366.988	1.566.390	11.857.970	9.750.567	2.107.403	—	
3.061.241	21.978.284	2.634.222	17.588.803	12.498.066	155.681.220	—	143.183.154	
970.484	648.243	1.632.351	634.343	7.363.566	3.179.568	4.184.018	—	
—	—	—	—	500	72.280	—	71.880	
—	—	—	—	250	2.402	—	2.152	
—	—	—	—	47.120	266.623	—	219.503	
—	—	—	—	360	10.098	—	9.738	
21.090	1.621.879	3.252	1.617.970	24.542	3.239.849	—	3.215.507	
—	—	3.000	107.588	3.000	107.588	—	104.588	
—	—	408	3.372.589	408	3.372.589	—	3.372.181	
—	—	540.363	1.133.695	540.363	1.133.695	—	593.333	
—	—	—	—	—	65.190.600	—	65.190.600	
95.606.398	59.462.077	99.019.516	60.374.164	482.341.364	473.089.479	319.513.733	310.261.823	



Mas, como este já vai longo e fastidioso, falta-me a coragem para continuar abusando da paciência do leitor.

Loanda, aos 25 de março de 1937.

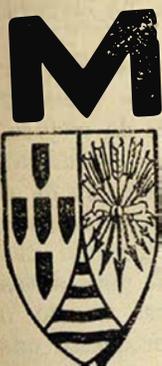
MANUEL NUNES FARINHA



A PECUARIA DE MOÇAMBIQUE

e seus Maiores flagelos

(ESPECIAL)



MOÇAMBIQUE, quer se encare como colonia de occupação ou como simples colonia de exploração, é essencialmente na agricultura que terá de alicerçar a sua vida economica.

Ainda qu ea exploração das riquezas do sub-solo possa vir a ter em algumas zonas um valôr importante e até dominante, na maior

parte da Colônia será a exploração agrária que há-de ocupar e manter a quasi totalidade da sua população indigena e a maior parte dos colonos europeus que nela queiram empregar a sua actividade.

A diversidade de climas e de solos de grande fertilidade, tornam a colonia apta a culturas muito variadas. Se as zonas do litoral, especialmente na sua metade norte, são iminentemente aptas para as diversas culturas tropicais, entre as quais domina a do coqueiro que já occupa cerca de 70.000 hectares; se as extensas planicies de aluvião que marginam o curso inferior dos seus maiores rios são proprias para as grandes produções de milho, cana sacarina, arroz, algodão, feijão e para tantos outros produtos que ali se cultivam com sucesso, as zonas altas do interior acima dos 800 metros, de clima bastante suportavel para o europeu e onde se encontram tambem solos muito fertels, podem produzir muitos dos produtos das zonas sub-tropicais e temperadas, como sejam o trigo, as frutas, e em certos locais café e chá de optima qualidade.

Na zona intermedia a ambas abundam os terrenos proprios para o tabaco, o sisal, as oleoginosas de cultura anual, o milho, o sorgo, etc.. Como é facil compreender, a tão grande diversidade de condições naturais podem corresponder empreendimentos agricolas de características igualmente variadas. Enquanto que nas zonas do litoral e nas de pequena cota, de climas menos aptos á fixação permanente do europeu, serão os nativos e as empresas que

pelo DR. JACINTO PEREIRA MARTINHO
Delegado de Saúde Pecuária

disponham de grandes capitais que melhor partido poderão tirar da exploração do solo, nas zonas de altitude, de clima mais saudavel, podem os pequenos colonos dedicar-se a uma cultura mais cuidada e intensiva como o requerem as frutas dos países temperados, os lacticinios, as industrias de preparação de carnes ensacadas e fumadas, etc.

A occupação agricola de Moçambique tera, no entanto, de fazer-se com certa morosidade.

A sua posição geografica especial adentro da zona dos tropicos, onde o terrivel flagelo da mosca tsé-tsé e a praga daninha das carraças se encontram largamente disseminados, cria-lhe serios embaraços á exploração rapida das suas melhores terras.

São os morbus diversos que este. dois parasitas inoculam aos animais domesticos e por vezes ao proprio homem, alguns de grande letalidade, que impedem o desenvolvimento da industria pecuária em áreas enormes, providas de grandes recursos forraginosos espontaneos, tornando assim impossivel a utilização dos animais indispensaveis aos trabalhos agricolas.

E' á tsé-tsé (glossina) essencialmente, que se deve o atrazo em que permanece grande parte do continente africano. Se não fôra este pequeno mas perigoso insecto, a civilização ter-se-ia instalado nos seus menores recantos e transformado vastos sertões, só povoados de feras e animais bravios, em ricos centros de actividade.

A pastoricia que em todos os tempos historicos constituiu a primeira fase da vida rural e o inicio da civilização nas regiões deshabitadas, não tem podido, por virtude daquelas causas, tomar em Africa o rapido incremento que tomou, por exemplo, nos países do Novo Mundo, alguns dos quais vivem ainda, quasi exclusivamente, dos grandes rendimentos que ela lhes dá.

A pecuária tem sido a industria preferida dos países de fraca densidade demografica, porque é aquella que exige menor numero de braços, e esta e outras circunstancias teriam favorecido o seu desenvolvimento nas zonas tropicais africanas, se aqueles inconvenientes se não levantassem a contrariar a vontade do homem.

A' excepção do extremo Sul da Colonia que está isento de glossinas e por isso mesmo é bastante povoado de gados, a parte restante é na sua quasi totalidade infelizmente impropria, por ora, ao desenvolvimento da industria pecuária. A agricultura europeia que se tem estabelecido nestas zonas, impossibilitada de utilizar o animal de lavoura, vê-se forçada a procurar no braço do indigena o unico elemento de trabalho. Em tais condições de exploração, a agricultura só pode ser remuneradora para um restricto numero de culturas.

Por muito barata que seja a mão de obra indigena em circumstancia alguma pode o trabalho braçal substituir, com vantagem, o trabalho do animal de tracção. E o recurso ao motor agricola não pode tambem ser encarado economicamente nos países que não possuam industrias que forneçam ao agricultor maquinas e combustiveis por baixo preço.

O trabalho animal ainda não encontrou substituto que se lhe avantege em barateza.

Na propria America do Norte, país das maquinas por excelencia, a crise actual tem feito compreender a muitos agricultores a necessidade de regressarem ao antigo sistema da lavoura a gado, pondo de parte o motor agricola por anti-economico. O gado consumir-lhe-á, é certo, uma parte das suas colheitas de cereais, para as quais, aliás, ele não encontra colocação, todavia, isso dispensa-lo-á de empatar dinheiro na compra de maquinas que se depreciam e de combustivel que se queima, com a vantagem ainda de reduzir bastante as aquisições de adubos, visto que os gados lhe fornecerão uma parte dos fertilizantes necessarios ás suas terras.

Se naquele progressivo país, em que as industrias fabricam por baixo preço toda a utensilagem agricola moderna e extraem do subsolo os combustiveis necessarios aos motores, a economia agricola impõe a substituição da maquina pelo animal, com mais forte razão a essa conclusão se chega nos países africanos desprovidos de tais industrias.

A agricultura do tropico, quando não seja praticada pela familia indigena que desconhece o valôr do tempo e as imposições do sistema capitalista, só poderá manter-se se dispuser do prestimoso auxillio do gado, cria-

do e mantido com os recursos das proprias fazendas.

A crise presente veio pôr bem em foco em Moçambique este axioma. As empresas agricolas que melhor tem resistido à crise actual são precisamente aquellas que conseguiram reduzir ao minimo indispensavel o trabalho braçal, substituindo-o pelo animal de lavoura, o que lhes valeu acompanhar, pela redução do custo da producção, a desvalorisação dos produtos, sem prejuizos graves. E pode bem calcular-se o valôr dessa substituição sabendo-se que uma junta de bois equivale, na lavoura a mais de vinte homens.

Estabelecido já por uma larga experiencia o papel fundamental que o gado de trabalho desempenha na economia agricola do tropico, ressaltta, claramente, a necessidade de colocar a agricultura desta zona em condições de o utilizar na maior escala possivel, o que só pode conseguir-se pelo saneamento gradual das áreas infestadas de glossinas e que mais aptas sejam á colonisação, visto ser esse flagelo o maior obstaculo que entrava o progresso das industrias rurais. E a ciencia ainda não descobriu, infelizmente, um processo eficaz de imunizar ou curar os animais sujeitos às doenças que as glossinas transmitem.

Para se atingir tal objectivo requere-se, como bem se pode avaliar, um trabalho arduo e uma persistencia sempre activa. Mas por maior que seja o esforço a dispender numa campanha de tal natureza ela justifica-se plenamente porque poucos problemas coloniais exigem, como este, maior interesse e uma mais rapida solução.

Contra as carraças já hoje se pode contar com melos eficazes de luta, ainda que algumas doenças que elas transmitem sejam, por enquanto, incuraveis e causem grandes prejuizos. Mas o problema, está por este lado em grande parte solucionado com a descoberta dos banhos carracicidas.

*
*
*

Suficientemente conhecida já a biologia da tsé-tsé transmissora dos tripanosomas mortíferos e a dependencia em que ela está do sangue dos mamiferos selvagens que constitue o seu principal alimento, facil se torna estabelecer o sistema de combate a empregar contra os danos causados por esta mosca.

São os antilopes, os bufalos, as zebras, os porcos e outros mamiferos selvagens os animais que condicionam, geralmente, a existencia das glossinas em dadas regiões.

Para algumas especies, a sombra das florestas, onde se abriguem ás horas em que o sol é mais ardente, é, tambem, um factor indispensavel. Todavia outras glossinas ha que são menos exigentes a este respeito e contentam-se com a pequena protecção que os arbutos lhes dão. Mas sem caça não ha tsé-tsé porque sem o sangue daquela, seu alimento preferido, não poderá resistir mais que alguns dias.

Ora se a destruição deste pequeno insecto por meios directos, em vastas extensões, é empreza de realisação quasi impossivel, o mesmo não acontece quando se procure o mesmo objectivo por meios indirectos, isto é, privando-a do alimento.

Para isso basta perseguir a caça com frequentes batidas, porque a que escapar da morte acabará por refugiar-se em outros locais mais tranquilos.

As glossinas não podendo alimentar-se, morrerão. Mas parte delas acompanhará a caça nessas migrações forçadas.

A perseguição e destruição sistematica da caça, é pois o meio mais seguro de provocar o desaparecimento da tsé-tsé. Outros meios podem no entanto ser tambem utilizados com o mesmo fim.

A concentração das populações indigenas em certos locais mais visitados pela caça dá, quasi sempre origem á fuga desta, e o arroteamento das florestas que essas populações praticam para fazerem as suas culturas, tornam por sua vez, o meio impróprio á vida daquelas especies que não dispensam o abrigo das arvores contra o sol.

E', claro, que este recurso só póde ser utilizado quando não houver o risco da contaminação das populações pelo tripanosoma causador da doença do sono, o que, por enquanto, felizmente, só em restrictas zonas de mosca, bem conhecidas, se encontra. Mas se este risco existe procura--se, pelo contrario, segregar as populações para outras zonas inteiramente livres de tsé-tsé.

Da conjugação das medidas enunciadas é possivel desalojar, a par e passo, a glossina das zonas mais aptas á criação animal e, consequentemente, aproveitar os melhores terrenos para a agricultura, não só européia como indigena, o que dará logar á criação de novos nucleos populacionais fixos que tirem do solo os meios necessarios á sua subsistencia.

O indigena que é, por via de regra, entusiasta pela criação de gados pode, quando convenientemente induziado, praticar um sistema de cultura mais aperfeiçoado, utilizando, por exemplo, no trabalho das suas ma-

chambas a charrua puxada a bois — como já, no Sul muitos fazem — o que lhe dará margem a um rendimento maior do seu esforço.

Poderá calcular-se a vantagem que deste pequeno progresso adviria para a economia da Colonia?

Deixo a resposta a esta pergunta para as pessoas que se ocupem da economia colonial.

A' administração superior da Colonia cumpre, pois, no interesse vital desta, orientar os trabalhos que visem a aumentar o seu potencial economico, a preparar o caminho, para que as gerações futuras possam sem dificuldades de maior, fazer deste pedaço de Portugal uma Colonia prospera.

* * *

A pecuaria moçambicana é já hoje um dos factores importantes da sua economia. Possuindo mais de um milhão de animais das varias especies domesticas, o seu valor pode computar-se em cerca de 100 milhões de escudos.

De todas as especies é a bovina a que conta maior numero de individuos — cerca de 500.000 — e aquela a que, pelas multiplas aptidões e melhor adaptação, é dada a maior preferencia.

E' ela que fornece a carne e o leite consumidos nos maiores centros de população e é tambem o boi o animal preferido para o trabalho das plantações, em que presta excelentes serviços, visto que a criação cavalari não pode fazer-se com exito, em virtude da pouca resistencia que esta especie oferece a certas doenças locais.

Os suinos adaptam-se admiravelmente em qualquer ponto da Colonia desde que não estejam sujeitos aos ataques da tripanosomiase a que rapidamente succumbem.

Os caprinos e ovinos quasi exclusivamente criados pelos indigenas encontram-se bastante espalhados por toda a Colonia e são as especies mais resistentes aquela doença.

Ha fundadas esperanças de que em certas regiões, a partir dos 500 metros de altitude se possa explorar economicamente o carneiro de lã.

O Governo iniciou já experiencias de aclimação do carneiro merino e sua cruz com ovelhas de raça indigena.

A domesticação de certas especies selvagens com o objectivo da produção de trabalho nas zonas de glossinas, é assunto que os serviços veterinarios officiais da Colonia procuram estudar.

HELENICA

(ESPECIAL)

Ao DR. JOÃO VITOR VIANA

Perante tribunal austero e grave
— Romanos a julgar na Galilleia —
Fôste, mulher, chamada a responder,
Por seres a mais formosa da Judeia!

“Era teu corpo um mármore’ dalabastro,
Uma segunda Venus... perfeição!”
Afirmava-o alguém que já te vira
Nas transparentes águas do Jordão.

E os juizes, homens conscientes,
Perante causa tão estranha, única,
Para julgarem bem da tua culpa,
Ali te querem nua, sem a túnica!

Ruborizaste tanto de pudor,
Foi tão grande, mulher, o teu penar
Que as lágrimas, correndo no teu peito,
Dos seios começaram a brotar.

Ardem então meus lábios no desejo
— Quem não teria a mesma tentação! —
De beber tuas lágrimas num beijo
Para evitar ferirem-se no chão.

Novembro de 1936.

MENDES CARNEIRO

Alguns exemplares de elands (taurotragus oryx) e de bufalos (bos caffer) já capturados e mantidos num regimem semelhante ao do gado bovino mostram a possibilidade de se poder tirar proveito destas robustas especies.

A sua facil sujeição ao pessoal que os trata e a sociabilidade que mantêm com animais de especie bovina, são indicios quasi seguros da sua domesticabilidade.

Mais de metade da riqueza pecuaria da Colonia é pertença dos indigenas que têm, geralmente, grande vocação para a criação de gados, embora usem processos primitivos que, no entanto, se vão procurando aperfeiçoar gradualmente.

O Estado por intermedio dos seus serviços veterinarios procura melhorar as raças indigenas, pondo ao dispor dos criadores europeus e pretos, especialmente, no Sul da Colonia, touros de raças mais aperfeiçoadas e que a

experiencia reconheceu serem das mais recomendadas para a região.

Criou para esse fim uma Estação Zootecnica onde são criados os reproductores que na idade propria são odistribuidos pelos diversos postos destinados á cobrição.

Nas zonas mais povoadas de gado bovino é obrigatorio o banho semanal de gados nos tanques publicos destinados á destruição das carraças, um dos grandes flagelos dos gados em Africa, como é obrigatoria a vacinação contra certas molestias, praticas estas a que os indigenas se submetem sem relutancia, pois bem reconhecem as suas vantagens.

A criação animal especialmente a da especie bovina deve, portanto, ser objecto da maior protecção por parte do Governo da Colonia porque só com o seu concurso a agricultura poderá progredir.

Tete, Outubro de 1936.

JACINTO PEREIRA MARTINHO

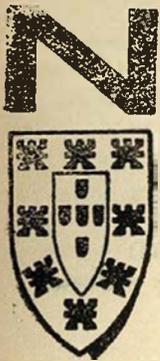
Açôres

Terra de maravilha e de sonho

“...Já, como cesta de flôres,
Que o mar de leve balança,
Abrem-se ao Sol os Açôres
Verdes, da côr da esperança”.

OLAVO BILAC — Poesias. Pag. 256
da 15.^a Edição.

(ESPECIAL)



NÃO há dúvida: Portugal possui ainda no Oceano Atlântico e no Indico como no Pacífico, tratos de terras dos melhores que existem em todo o Globo.

O Arquipélago açoriano é um dêles.

Com feito, os Açores, além da sua privilegiada situação geográfica, quasi a meio do Oceano Atlântico e a caminho da América do Norte, são terras senhoras de uma vegetação surpreendente, ilhas, constantemente floridas, onde o mar todos os dias as embala, entoando-lhes eloquentemente a eterna canção do amor e da saúde!

Há nestas ilhas graciosas e belas, quasi, senão tôdas as paisagens do mundo inteiro; encerram lagos quietos como os da Suíça, prados bucólicos como os dos Países-Baixos, os “geiseres” da Islândia, a grandiosidade dos montes da Baviera e das montanhas da América da Ásia, a beleza selvagem e luxuriante da flora da Insulândia e do continente africano, os vales fertilíssimos da Itália, a amenidade do clima mediterrâneo; estão sempre com um céu coberto de caprichosas nuvens, ora brancas e rendilhadas como a espuma do mar, ora cinzentas e ameaçadoras como as tempestades no Oceano Pacífico...

O lago chamado das **Sete Cidades** é único no Universo: um estrangeiro comparou-o a uma taça de água no meio do Oceano!

Ficamos **esmagados** ante o seu **ineditismo** singularíssimo, ante as côres azul e verde nitidamente separadas das suas águas brandamente marulhantes.

pelo DR. RUY GALVAO DE CARVALHO
Professor do Liceu de Antero de Quental

O encantador Vale das Furnas é considerado pelos especialistas estrangeiros a mais rica estação termal da Europa: há águas de tôdas as qualidades de tôdas as temperaturas, desde a água de sabor agradável á água sabendo a erva azeda e a enxofre.

Jardins por tôda a parte, flôres, muitas flôres nos campos e nas estradas...

A gente do Arquipélago, temente a Deus, é hõa e hospitaleira, amiga de receber bem, até com fidalguia, os que vêm de fóra; seu falar, — que varia de ilha para ilha e na mesma ilha —, tem o ritmo variado do Oceano: áspero e suave, descansando e harmonioso ao mesmo tempo.

Sabe cantar, mas seu canto é nostálgico e sentido... Seus costumes são curiosíssimos e originaes, lembrando muitos dêles os do Minho e das Beiras; a arte regional é delicada e pitoresca, acusando sensibilidade e bom gosto.

O açoriano é pacífico e também aventureiro: ama o campo e o mar; é activo e empreendedor. Inteligente, bastante inteligente, o ilhéu culto procura estar sempre a par do movimento intelectual do mundo; anseia por tudo saber.

Por isso em tôdas as manifestações da actividade e do pensamento humanos o açoriano tem-se salientado distintamente. Vultos eminentes nas letras, nas ciências, nas artes e na politica têm sido açorianos; e açorianos são muitos dos que ocupam as mais altas posições na presente situação política portuguesa.

Foi nos Açôres que nasceram Antero de Quental, Teófilo Braga, Sena Freitas, Gaspar

Fructuoso, Hintze Ribeiro, Roberto de Mesquita, o naturalista Francisco Afonso de Chaves, o explorador Roberto Ivens... e mais, e muito mais ainda!

E' que o açoriano, por factores mil, é amante de tudo aquilo que é belo e aspira a grandes e sublimes ideais.

Povo de admiráveis virtudes e de um rico subconsciente, o açoriano em tudo se tem evidenciado, procurando por todos os meios bem servir a Terra onde nasceu, vive e espera morrer, enfim a Pátria dos seus Maiores!

* *

Portugueses espalhados por todo o mundo! sobretudo, portugueses do Brasil, se puderdes, vinde aos Açores, a estas Ilhas que criadas fôram de-certo pela imaginação requintada de um artista de génio! Vinde visitá-la, pelo menos, uma vez na vida!

Haveis de dar por bem empregado o vosso dinheiro e o vosso tempo.

Açôres! Ilhas de sedução e de supremo encantamento! Terras de maravilha e de sonho! Como escreveu algures o Poeta Afonso Lopes Vieira, os Açôres são os "bastiões marinhos de Portugal que no Atlântico adiantam a alma da Mãi-Pátria".

Açôres! Jardim do Atlântico! Eden divino! "se não saíram do fundo do mar, cairam do céu!..."

Açôres! — o melhor sorriso da Natureza! o mais lindo sonho de Deus!

Filmar, numa palavra, os Açôres seria revelar a todo o Universo a existência do Paraíso terreal ou das Ilhas dos Amores!...

Açôres — Ano da Graça de 1936.

RUY GALVÃO DE CARVALHO

Colonos

(ESPECIAL)

por AUGUSTO CASIMIRO
Oficial do Exército — Escritor e Poeta

África dos planaltos
Terra da eterna Primavera!
Terra alta e sádia,
Luz que é um milagre puro!

Ceu de madrugadas gloriosas,
Poentes de apoteoses,
Ceu colorido
A selva e a anhara,
O verde oiro da anhara e da selva,
O oiro e o verde dos milheirais, das searas,
Da terra virgem e da terra violada!
África dos planaltos, embalada
Ao cântico das mupas, coral das cachoeiras,
Voz do principio do mundo!

Terra que leva um mundo, pátrias, grandeza,
[milagres,
No regaço estuante!

Ceu, terra, luz, tudo a dizer promessas,

Amplidão, liberdade, alegria
Criadora!

A terra que se demarca! Taboetas
Que são padrões, novo descobrimento!
E a derruba que avança entre a anhara e a
[floresta.

Aluindo, alargando clareiras,
Alumiando, harmonizando a terra bárbara!
Conquista heroica! Senhores d'Aquem e
[d'Alem Mar!

A selva cede, faz-se regaço, dá os prumos,
As colunas, as forquilhas da primeira casa.
E já, de capim doirado, se ergue o primeiro
Tecto acolhedor na terra conquistada,
Suavizada, menos bárbara, materna.
— Olha a primeira noite sôbre a primeira
[fadiga!

Aquela hora
De benção sob o ceu carregado de estrelas!

O colono cansado,
Saudoso e cansado,
Recorda o som doutras Ave-Marias,
O toque das Trindades
No outro Portugal.
Rápida, tomba a noite sobre o dia.
Vai a subir da terra uma saudade.
Mas o futuro diz promessas, o futuro
Que é vida resgatada e mais rica e melhor!

Terra, terra afagada, modelada pelo jeito
Do nosso amor de dônos, posuida
Com ternura, com desejo, com violencia,
Fecundada pelo nosso suor, pela alegria
De ser nossa!
Nossa!... Sem afrontar ninguém,
Sem minguar a alegria
De ninguém, ou medrar do alheio desespero!

— A minha terra, a minha casa! O meu
[trabalho!
Lá dentro um catre em que repousa a com-
[panheira,
Berços de embalar filhos...
A água que canta nas levadas, a sonhar e
[as flores,
O pomar, a alegria das colheitas...

Saudades da terra distante?
Saudades? Apesar da amargura,
Da estreiteza da vida nas metrópoles escravas
Da tristeza das escassas colheitas,
Da miséria, essa blasfêmia,
Do trabalho sem alegria no chão que não é
[nosso?

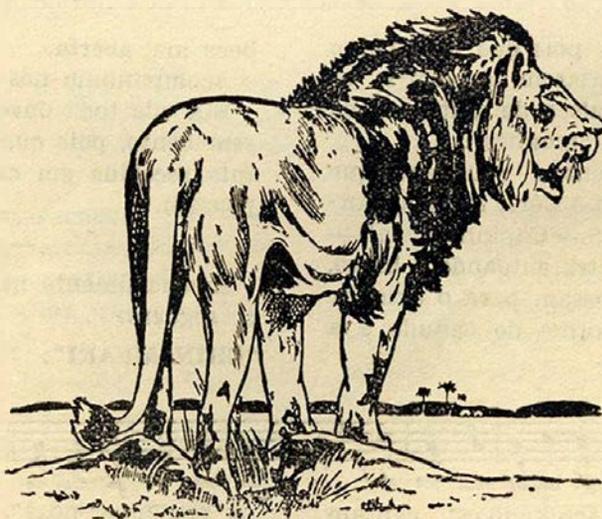
No coração do colono pulsa um mundo.
Nós somos criadores de mundos!
Lá, no presentimento,
Das colheitas futuras, das alegrias fortes
Que se preparam, dos lares que se aumentam,
Portugal se dilata e transfigura,
Senhor da sua vida, diante do Mundo!

No mistério da noite tropical, sob o cruzeiro,
Na terra misteriosa e vasta
E materna,
Nasce um mundo!

No peito do colono bate um coração novo
Rompe um novo destino!

1936

AUGUSTO CASIMIRO

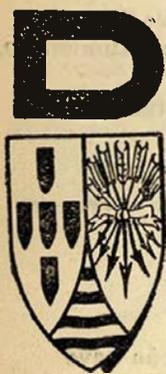


Usos e Costumes dos ACHIKUNDAS (Distrito de Tété)

Pela professora **MARIA AMELIA DE MIRANDA RODRIGUES**

Escritora

(ESPECIAL)



DÊSDE que o homem é homem, que a Arte veio, como complemento de bem-estar material.

Primeiro, houve que lutar contra as fêras e a Natureza, depois, criou-se a flauta pastoril e gravou-se a pedra, para bem-estar do espírito...

E essas leis são imutáveis. Ha milénios, como

agora.

Nas Colónias portuguesas, já passou a luta a ser anacronismo. E a Arte veio, cumprir a sua missão de Beleza. E os artistas vieram, para servi-la. Assim, a inspiração indígena, tem sido estudada na multiplicidade das suas

Tempo de marcha



E é das mais completas, pois que nem baixo lhe falta. Para a executarem, servem-se os músicos, das cordas vocais e de gaitinhas de metal, que compram nos "monhés".

Um grupo de garotos entoam — O' preto que vem de Angola! — e logo o Côro, remata, cantando parte, o estribilho: — Capinhangola! — Capinhangola! — e outra entoando o baixo, em sons guturais que passam para o exterior pela lingua posta em forma de canudo e a

boca mal aberta.

Acompanham-nos as gaitinhas de metal.

E a vila toda ouve a "Capinhangola", vezes sem conto, pois que apenas depois da espórtula recebida em cada casa os músicos repousam.

—)o(—

Essencialmente negras são as melodias que se seguem:

"CHINAMUARI":



Esta canção que as "achikundas" cantam desde a mais remota antiguidade, representa um convite de casamento. Em lugar das visitas dos civilizados, melódicamente, as amigas da noiva e não ela, nem a família, perguntam: (Tradução libérrima) "Quem está aí que pos-

sa responder-nos?", como se dissessem: Venham conosco!

E como vencem, nesta interrogação repetida, a distância que vai da casa dos pais da noiva, a casa dos pais do noivo, muitos grupos

de mulheres que lhes respondem, se juntam pelo caminho, enriquecendo o Côro.

A "Chinamuari" tem, na realidade, o ritmo de chamamento. O último compasso termina na dominante, deixando a melodia suspensa. E' como se as mulheres esperassem a respos-



O solo é cantado por certo rapaz que se coloca no meio de roda formada por homens, apenas. Cinco dêes tangerão batusques na altura precisa. O rapaz confessa-se "Mambo": — e portanto que —: "Sou filho de Deus!" — significando estar possuído do espírito de "pondoro" a que tinham acabado êle e os outros, de levar oferendas ("pombe", tabaco, milho).

Esta confissão é necessária, porque apenas sendo filho de Deus, tem poderes para chamar a chuva.

Os homens da roda, aclamam-no também "Mambo!" — e afirmam "Iadanda Macole": "E vêm vindo as nuvens"...

Oe batusques marcam o ritmo surdamente, enquanto o Côro canta e o "Mambo", que está em crise, pula e urra como se, na realidade, fosse filho do "pondoro"...

De repente todos emmudecem e se imobilizam. Depois, com um brilho estranho nos olhos, o rapaz torna: "Mambo! Eu sou filho de Deus!".

ta... que vem sempre.

—)o(—

Se não chove, as suas preces "ad petendam pluviam", têm, entre algumas outras, esta manifestação artística, que preferi a-pesar-de antiga, por conter maior cadência ritual.

"MACANGANO":

E o Côro clama a afirmativa sem base, até que, ao fim de muita repetição, fatigados todos já, têm inicio as libações que não atingem a orgia, por haver pouco "pombe".

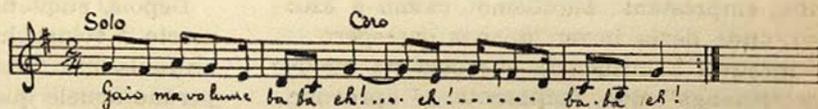
—)o(—

"MALOMBO":

O "Malombo" canta-se e dança-se, quando um qualquer imagina estar doente e pretende curar-se...

O batusque (o telégrafo negro), avisa a gente das povoações próximas, da cerimonia que vai realizar-se.

Todos se reúnem junto á palhota do "Mambo", de quem partiu o aviso, esperando o doente, que vem, enfim, acompanhado da mulher e de dois carneiros. Ao reparar no que irá restituir-lhe a saúde, o padecente canta e o Côro responde:



Ele diz: "Aqui estão os carneiros pai!" e, em uníssono, as raparigas acompanhadas do matraquear do batusque, comentam: Eh! Eh! pai! como se dissessem: Olha que êle dá-te cabritos. E' preciso curá-lo!

O doente está deitado no chão e tapado com um pano. A mulher, ajudada pelo "Mambo", mata os carneiros. O sangue é recebido numa vasilha de barro. Assim quente ainda, levam-no ao sofredor, que o bebe, como se bebesse a vida. E — milagre! — logo êle se levanta, entoando, estentóricamente, o seu cântico de oferenda:

"Gaio! Mavolume Baba!"

E o Côro das raparigas comenta:

"Eh! Eh! Baba".

A dança é de rodas concêntricas. Os homens do batusque primeiro, as raparigas cantadeiras depois, a roda das mulheres que são "Mambo" também, e, por fim, no centro, o novo "Mambo" em que o doente se transformou, depois de ter bebido o sangue.

—)o(—

O batusque de guerra, já o não cantam os "achikundas", senão para se exibirem como espectáculo, aos brancos curiosos.

Não encontrei grandiosidade bélica no

“Condo”, que apreendi, **aliás**, com admiração pelas palavras.

Será porque a tribo pacífica não pode sentir a violência? Será, porque, perdido o hábito,

em longos anos de bem-estar, a melodia evolucionasse para a canção inofensiva que escutei, desiludida?

“CONDO”:



Depois do prolongado “Oli ré”, que aliás não soa como nenhum “Olaré!”, que, porventura, o nosso ouvido muito bem conheça, vêm estas palavras de uma filosofia profunda: “Os homens são de vidro e não se sabe onde se vão partir!”

Na verdade! Frágil como o vidro é a vida dos homens! Onde e quando morreremos? Onde se partirá... o nosso vidro?

Interrogação sem resposta! Problema inso-

lúvel, a-pesar-de todos os astrólogos, de todos os adivinhos...

—)o(—

Mas quando o “vidro” se parte fóra do tempo da guerra, os “achikundas” envolvem as cerimônias fúnebres em cantos variados:

“Quem vem chorar o meu marido que morreu?” — pergunta a viúva, nesta toada triste que dá bem a nota do abandono da primitiva e frágil criaturinha:



E logo as amigas que a ouvem, correm para o pé dela, a acompanha-la no seu penar. E cantam e dançam, secundadas pelos homens, esta melodia que tem, a espaços, laivos de tristeza, para logo se erguer numa progressão alegre, impropria do significado pungente que

tem aqui a palavra “Mamaco”: “Mãe!” que, por si apenas, constitui a letra. Este chamamento contínuo quer dizer: “Vem, Mãe do Morto chorar o teu filho, que ninguém o chorará mais e melhor que tú!”.

“NHANGA”:



E as flautas pastoris, que êles fazem de bambú, emprestam bucolismo calmo a êste canto, onde devia haver, apenas desespêro.

E' inegavel a influência europeia na melodiosa “Nhangá”, que, facilmente, se apreende e já não sofre da pobreza franciscana das outras canções puramente “achikundas”.

Data da guerra dos Macombes, posterior á

do Barué, que teve lugar em 1917.

Depois, enquanto a mulher e a família do morto o velam, homens e mulheres cantam o antiquíssimo “Chuere”, que é um generoso perdão áquele que já pertence a outro mundo e contra o qual não devem existir despeitos, nem rancores, pois que morreu.

“CHUÈRE”:

(coro de raparigas)

(coro de mulheres)

(coro de rapazes)

(coro de homens)



“Sarjanjano! Doco!”: “Póde ficar bem no seu coração! Foi-se!”.

Que angustia existe neste “Chuere”! Terminando sem o repouso da tónica, deixa, em nós, E, então, as raparigas cantam e dançam em

penetrante sensação de irremediavel!

Mais eis que chega a hora de o corpo ir para a paz do cemitério, que vastas copas en-sombram.

despedida, o “Jóli”



Corrente antagonica da Historia Colonial Portuguesa



Pelo Dr. Brito e Nascimento

(Ruy San'telmo)

Juiz de Direito

Especial



discussão tam debatida já e tam incerta ainda, sôbre o caracter ideologico do esforço titânico dos homens de quinhentos, não é tam ociosa como a primeira vista parece. Há sempre um problema filosófico por detrás dos factos colectivos. E é na interpretação dos factos que residem os ensinamentos da História. "Induzir para deduzir a fim de construir". Sem um erro fundamental, cousa remota dum apre-

pretensões de ventilar a magna questão, vamos apontar apenas, em muito sumário o esforço, o antagonismo flagrante entre duas tendências contrárias que no decurso da nossa Historia colonial se têm mantido em luta.

A incompreensão do sentido histórico da nossa actividade colonial pode induzir-nos a

"Para que as gentes fossem acabadas de chamar ao evangelho como convinha antes do acabamento do mundo, segundo Sam Paulo e segundo Christo per Sam Mateos, ordenou Deos os descobrimentos... per meo dos quaes Deos per seus servos têm convertidas novamente muitas gentes aa fee, e vay convertendo e convertera até que vindo ho enchimento das gentes se faça dos judeos e gentios hû rebanho, e assim aja de todos curral de hûa santa e catholica igreja, e hû pastor como diz Christo".

* * *

um erro fundamental, causa remota dum apreciavel e inútil desperdicio de energia em continuas esperiencias.

Não se trata necessariamente de teorizar mais ou menos a "prlori"; mas, de evidenciar os factos irrecuzaveis do nosso empirismo historico.

A idea-mater que animou a formidavel Epopeia das Descobertas foi a dum largo ideal universalista: — **fazer de judeos e gentios hû rebanho, e assim de todos hû curral com hû pastor.**

O tráfico da especiarla, que alguns escritores, eivados da superstição marxista, apontam como única mola propulsora dum tam grande, profundo, geral, duradouro esforço nacional, não é bastante para explicar essa Aventurosa Maravilha dos Descobrimentos e

"Vamos embora, sim! Sim! Sim!"

Ha cinco batuques que ressoam lúgubremente. Das raparigas que formam a roda, destaca-se uma, que vem fazer alguns passos, frente ao batuque maior, meneando as ancas, em requebros que nada têm de fúnebre.

Depois, retoma o seu lugar, ritmicamente. A que lhe fica á esquerda vai, por sua vez, frente ao batuque fazer os passos rituais, enquanto as outras imitam os meneios dos quadris, batendo palmas e cantando, cantando continua, monótonamente...

Grande é a intuição musical dos negros, pois conseguem verdadeiras maravilhas, com instrumentos tão primitivos como a flauta pastoril, que todos nós conhecemos e outros, igualmente originais, que serão assunto de novo artigo.

Beira — Janeiro — 1937.

Maria Amélia Rodrigues

Conquistas, tem certo é o factor economico não explicar por si os factos colectivos. Uma Nação não é uma adição aritmetica de egoismos individuais. É alguma coisa de diferente.

O egoismo individual está mesmo, sobre certo ponto de vista, em conflito com o interesse geral. Ninguem dirá que um soldado na frente da batalha tem alguns interesses de ordem pessoal em se bater pela Patria. Eis porque o egoismo individual, o interesse immediato e directo, é uma força negativa, desagregante, e jamais poderia formar essa argamassa mística que cimenta um bloco nacional, organismo complexo dotada duma consciencia diversa da dos seus associados.

Os objectivos absorventes desse magnifico esforço colectivo: — dilatar a Fé e o Imperio, deram à nossa Aventura maritima um caracter imperialista.

O Rei era o senhor do vasto dominio ultramarino, do commercio, navegação e conquista. O Terreiro do Paço era o órgão central e exclusivo da administração colonial.

Esta tendencia centrista innata, que uma tradição secular tem alimentado, é contrariada a — par e passo por outra tendencia adquirida por força das circunstancias. Na verdade, demonstram os factos que uma corrente oposta tem de longa data reagido contra a absorção centralizadora da administração colonial.

Logo nos primordios da nossa Historia, Vice-Reis, Governadores e Capitães-generais solicitavam do Rei "Poder, Jurisdição e Alçada" para poderem governar as longinhas possessões do ultramar. Não poucas são as Ordenanças e Regimentos em que se outorgam poderes desmarcados, a ponto de permitir que se pudessem executar sentenças de morte no mesmo dia em que eram proferidas, sem dando hi appellaçom nem agravo pera nós.

Para não enfadar o leitor, é bastante por agora gizar sumariamente diante de seus olhos o grafico em zigue-zague das vicissitudes alternadas de duas instituições, entre as que mais influíram na nossa administração colonial.

Por meados de 1604 foi criado um instituto original: Conselho da India e mais dominios ultramarinos.

De muito cedo se compreendeu a necessidade de entregar a especializados a resolução dos negocios ultramarinos. Mas, como nem só na aria la donna... é mobile, fatal seria que a esquivia "administração" para não fugir ao sestro do sexo, teria que variar, com mais velocidade que moinho de vento.

Logo dois anos depois se cerceavam fun-

ções ao recém-nado conselho, entregandoas à mesa da Consciencia e Ordens.

Restaurada a nossa independencia, o ardor de reparar os danos sofridos durante o cativo levou a reconstruir o Conselho por Alvará de 1642. Mais, eis que com o advento do regimen liberal o Conselho Ultramarino é ainda uma vez extinto. Dois anos, porém, não eram corridos, Sá da Bandeira tenta ressuscita-lo, apresentando na Camara a proposta respectiva. Dez longos anos passou em profundo sono la belle au bois dormant até que finalmente acordou do seu encantamento transformada em Conselho Ultramarino. Mas não era destinado, tam prestimoso instituto, a lograr uma longa vida. Em 1859 foi o Conselho desmembrado, retirando-se-lhe parte das funções e passando-as para a Secretaria dos Negocios da Marinha e Ultramar. Mutilado, quasi inválido, o Conselho expira em 1869, sucedendo-lhe a Junta Consultiva do Ultramar. Com o advento da Republica reata-se o fio da tradição e o Conselho ressuscita gloriosamente no Conselho Colonial, atingindo a mais elevada etape da sua evolução em 1926 na organização do Conselho Superior das Colonias, para voltar a sofrer alterações no Dec. 16.108.

O gráfico é por demais elucidativo; pois, sem embargo das continuas soluções de continuidade, o fatalismo inevitavel da sua necessidade o faz ressurgir, onde e onde, como a Fenix das proprias cinzas. Ao observador não desatento, todas estas ampliações e restrições, a instabilidade da sua competencia, oscilando entre um órgão deliberativo e mero órgão de consulta, são sinais reveladores dessa luta de tendencias, uma francamente centrista, que levava a cercear funções ou a extinguir-lo, e outra contraria que tendia a acumular nêle atribuições que se sobrepunham até às do proprio Ministro.

Sem nos determos numa anailse meticolosa, pois não estamos a explanar uma tese de Congresso, recorreremos, para encurtar razões, as palavras do Relatorio que precedeu o Dec. 1892, onde se revela o espirito que anima a genese e evolução do organismo: — "conveniente nos pareceu que o acrescimo de vogais nascesse de eleição popular indirecta, feita pelos representantes das colonias, o que oferecerá uma garantia segura de que os novos elementos de uma colectividade que tanto influi na administração colonial merecerão a confiança dos habitantes nas provincias ultramarinas, e que o seu conselho e decisões serão acatados como provindo de pessoas habilitadas à bem aconselhar e decidir".

NOTICIÁRIO

“Moçambique”

Já por mais de uma vez nos referimos ao documentário “Moçambique”, — a magnífica publicação trimestral que em boa hora o Governo da Africa Oriental Portuguesa começou a editar e que já vai no décimo número.

Como dissemos, — e repetimos —, trata-se de uma publicação sem par na bibliografia portuguesa, de créditos sólidamente formados, e na qual tudo — do texto à apresentação gráfica — é digno de franca admiração.

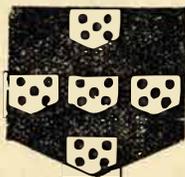
Hoje, no entanto, silenciámos a nossa opinião, dando o lugar a que saiam do nosso arquivo os depoimentos autorizados de alguns eminentes brasileiros:

* * *

Acuso a recepção da revista “MOÇAMBIQUE”, cujo ultimo exemplar é magnifico no fundo e no seu aspecto material.

Dr. Oliveira Viana

(Consultor Juridico do Ministerio do Trabalho).



Por outro lado, à tendencia absorpcionista da função administrativa por parte do Terreiro do Paço, correspondia uma actuação insistente e directa em sentido contrario por parte das colonias.

A ingente necessidade de acudir de pronto à resolução dos assuntos da administração das colónias determinou a adopção do preceito constitucional que autorizava os governadores das provincias ultramarinas a tomar as providencias que não pudessem esperar pela decisão das Côrtes ou do Poder Executivo. O principio passou successivamente para o Dec. de 42;43; Acto adicional de 52; Decos. de 56; 1907; Constituição Política da República.

E na manutenção do principio e seu desenvolvimento têm pugnado grandes colonialis-

* * *
Agradeço-lhe, muito sensibilizado, a oferta de um magnifico exemplar do documentário “MOÇAMBIQUE”, pelo qual se pode verificar o magnifico surto do imperio lusitano, que, na Africa e na Asia, continua a dar testemunhos admiráveis do génio colonizador de Portugal.

Dr. Renato de Almeida

(Director do Departamento de Propagan-

* * *

da do Ministerio das Relações Exteriores).

Com grande atraso chegou-me o “MOÇAMBIQUE”, que percorri com o maior prazer. Que bellissima publicação! Fico pasmo como se conseguiu em Lourenço Marques obter-se tal impressão capaz de emparelhar com as dos mais cultos centros do Universo.

Dr. Afonso de E. Taunay

(Director do Museu Paulista — S. Paulo).

* * *

Sou muito obrigado a V. pela dádiva que me fez de “MOÇAMBIQUE”, do esplendido volume “documentario trimestral” da Colonia.

tas, reivindicando, desde longa data, um maior quinhão de funções.

Entre 1914 e 1926 um conjunto de leis foi promulgado com o caracter duma franca descentralização.

Resulta, pois, do exposto vis-a-vis dos factos irrecuzaveis da História, que, à uma tendencia original de character centrista, tem correspondido uma tendencia adquirida de character descentralizador.

Não fazemos vaticinios, não tiramos conclusões, não defendemos uma tese. Mero observador dos factos, falamos do passado, e enunciamos apenas uma visão pessoal da História.

Boas e agradecimentos

É tão suntuosa publicação, que fala mais, implicitamente, do que qualquer publicidade exterior. Li-o com agrado dos olhos e da alma, aprendendo e me informando. São parentes nossos, que não conhecemos, e vivem e prosperam e nos honram... Muito, muito obrigado

Prof. Dr. Afranio Peixoto

(Professor da Universidade do Brasil).

* * *

Sou-lhe muito grato pela oferta da esplendida publicação "MOÇAMBIQUE", documentario trimestral digno de um grande povo como o português.

Dr. Aureliano Leite

(Deputado Federal).

(o)

"Radio Moçambique"

"Radio Moçambique" é o órgão mensal do Grémio dos Radiófilos, — uma florescente e activa instituição que se fundou há alguns anos em Lourenço Marques, para realizar uma obra de cultura e de exortação lusíada, levando a todos os recantos da provincia até o Rovuma e mais além, entrando até, pelas terras adjacentes, onde por igual vivem e trabalham tantos portugueses, a voz da Pátria, em tôdas as modalidades, das quais não é menos interessante a música encantadora do nosso folclore, as alegres canções dos nossos campos, que não tem parentesco de nenhuma espécie com esse desmoralizadissimo fado — que por ai nos impingem com o rótulo de música portuguesa, azucrinando-nos os ouvidos indefesos e caceteando-nos a paciencia até à saciedade.

Quem compulsar os progrãmas do "Grémio dos Radiófilos", fica a invejar a sorte dos

radio-ouvintes moçambicanos pela felicidade de não serem atormentados pela praga infernal dos fadistas.

O que nós pretendemos acentuar nestas linhas é que "Radio Moçambique" é uma revista que emparelha sem desdouro com qualquer outra publicação da especialidade e que o Grémio dos Radiófilos nos honra com a sua obra e os seus progrãmas, escolhidos e variados, levando aos seus ouvintes alegria, espírito e graça envolvente através de boa música. Pertence, para dizer tudo, ao número daquelas estações radiofónicas que instruem, aprimoram a sensibilidade e divertem, e não ao número das que distilam tédio e sonolência com precisão matemática...

ALFAIATARIA CAMPOS

IMPORTAÇÃO DIRECTA
DE

CASIMIRAS ESTRAGEIRAS

Andrade Esteves & Cia.

RUA DO ROSARIO, 105 — 1º andar

Proximo á Avenida

Telephone 23-6380

VISTA-SE NA ALFAIATARIA
CAMPOS

RIO DE JANEIRO



TAPETES E PASSADEIRAS

Um sortimento incomparavel de todas as
qualidades e dimensões

sempre pelos menores preços

MOBILIARIOS E TAPEÇARIAS

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

65 — RUA DA CARIOCA — 67 — RIO

CALÇADO
FOX
O MELHOR DO MUNDO

***Para sua garantia
exija na sola,
estampado a fogo,
êste carimbo***



Preparemo-nos
para as grandes luctas
da vida moderna!

A vida intensa das grandes cidades produz no nosso organismo perturbações que se esteriorizam por multiplas fórmias.

Essas perturbações instalam-se sempre que o nosso estomago — laboratorio quimico complexo — sofre alterações em sua função digestiva. Can-saço cerebral, dôres de cabeça, falta de memoria, dispepsia, irritação nervosa, manifestam-se sempre que ha máu funcionamento digestivo.

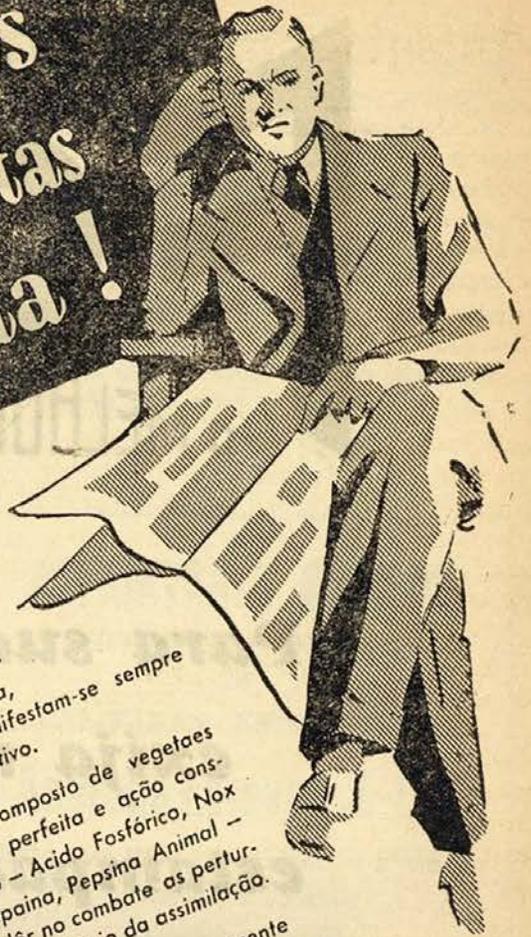
O "NEUROBIOL" é um composto de vegetaes ricos em vitaminas, de pureza perfeita e ação cons-tante. Sua simples composição — Acido Fosfórico, Nox-de Kola, Cacáo torrado, Papaina, Pepsina Animal — são uma garantia do seu valôr no combate as pertur-bações que advenham do desequilibrio da assimilação.

"NEUROBIOL" é um preparado rigorosamente científico. Usar "NEUROBIOL" é combater a fra-queza cerebral, a dispepsia nervosa, a neurastenia, a perda de appetite; é, finalmente, prolongar a vida.

Neurobiol
O TONICO DO CEREBRO

Orthof

A VENDA EM TODO O BRASIL



Antonio Pinto Valente

Nunca passou pela mente de quantos frequentam a séde da Sociedade Luso-Africana do Rio de Janeiro que, tão cedo e de repente, teriam de lamentar profundamente a perda de um consócio dedicadíssimo e de um amigo de tódas as horas, certas e incertas, cuja lialdade jamais foi posta em dúvida e era um dos traços mais salientes do seu carácter de peregrinas virtudes.

Embora não fôsse idoso, era contudo o mais velho dos que por aqui nos reuniamos, — o mais velho em idade mas o mais novo em entusiasmo pela causa do pan-lusitanismo e pela obra da Luso-Africana! Dissemos-lhe mal dela, ainda que de brincadeira, e tinhamo-lo transtornado.

O Sr. Valente, era assim que todos nós carinhosamente o tratávamos, e que mundo de ternura e simpatia todos nós imprimamos a essas duas palavras ao pronunciá-las, — ternura e simpatia que só têm paralelo na saúde com que hoje e sempre recordaremos êsse espirito cultivado e êsse português de lei, que muitos dissabores e grandes privações passou nos últimos anos, desterrado da terra natal,

que lhe não saía da "menina" dos olhos, em holocausto aos ideais da sua mocidade, que soube conservar imaculados, e que por não saber transigir por êles sacrificou a fortuna, o futuro dos filhos e a própria vida.

Havia, entre nós, como não podia deixar de ser, quem dêle discordasse em matéria politica, mas não havia um só que não admirasse o seu intenso patriotismo e o seu enternecido amor a Portugal e que lhe não quizesse affectuosamente, bem do coração.

Adorávamo-lo, e a sua memória será sempre reverenciada e lembrada no seio dos pan-lusitanos da Sociedade Luso-Africana do Rio de Janeiro.

Não estranhem estas palavras de piedoso affecto e comovida saúde, essas criticas com o coração ainda alanceado pela rudeza do golpe. A Sociedade Luso-Africana do Rio de Janeiro forma uma grande familia, e nêsselar de afeições desinteressadas, o Sr. Valente era um ente querido de todos.

Repetimos, não estranhem estas palavras numa publicação que não tem por norma noticiar os falecimentos ocorridos, pouco importa quem seja o falecido. Quando abrimos uma excepção, é porque se trata de alguém que de facto o merece, não por suas riquezas, mas por seus méritos pessoais e suas virtudes.

Livros Portugueses

Livraria H. Antunes

(Fornecedora de todas as Livrarias do Brasil)

ENVIAM-SE CATALOGOS

RUA BUENOS AIRES, 133

TELEFONE 23-2754

RIO DE JANEIRO

"Humanidade"

Prosegue, vitoriosa, a publicação de "HUMANIDADE", o cintilante semanário lisboeta que Viana de Almeida, jovem santomense de incontestável talento e decidida boa-vontade, dirige e orienta com o saber e a elegância de um autêntico profissional, daqueles que não "atraçoam" e que têm do jornalismo, — o tão discutido quarto poder de Estado —, uma noção elevada e perfeita.

"HUMANIDADE", a que já em tempos nos referimos com aquêlê mesmo grande prazer com que hoje de novo o fazemos, cresce de semana para semana na admiração dos seus numerosos leitores, porque, de facto, Viana de Almeida, secundado por uma brilhante pleiade de redactores, não se limitou a prometer que o seu jornal seria do Império, para o Império e pelo Império Português. Se bem o prometeu, melhor o está cumprindo. E, salvo melhor juízo, não pode haver, quanto a nós, sobre o assunto, elogio mais alto, mais justo e categórico.

Gonocridina

PARA
TRATAMENTO RADICAL
DA BLENORRAGIA

A' VENDA EM TODAS AS
FARMACIAS E DROGARIAS

M. S. CARDOSO — (*Drogaria
União*)

P. TIRADENTES N.º 15

Acontece que, a par de todos êstes predicados de tómo e da muita admiração que temos por Viana de Almeida, o que seria o suficiente para "HUMANIDADE" nos merecer a vivíssima simpatia que efectivamente nos merece, se dá ainda a circunstância de fazer parte também do seu corpo redactorial o nosso distinto delegado em Lisboa, Paulo Braga, sem dúvida um dos jornalistas mais cultos e talentosos da nova geração portuguesa e uma vocação literária das mais puras e perfeitas, com uma extraordinária capacidade de compreensão, raríssima em nossas letras, e em particular na chamada literatura colonial, de que êle há bem pouco tempo nos deu qualquer coisa de admirável e de belo, mercê de uma faculdade rara e maravilhosa de sugerir, em seus cadernos sôbre Timor, — a ilha verde e vermelha, a respeito da qual escreveu algumas páginas que são o encanto de quem as percorre e a verdadeira mensagem que, até hoje, um português já trouxe daquelas longínquas paragens.

"PARQUET PAULISTA"

(Marca Registrada)

"PARQUET BRASIL"

(Marca registrada)

Soalhos de tacos com garantia e segurança

Parquet Paulista Ltda.
(Fabricantes)



Escritorio
Rua Treze de Maio,
33-35
(Edifício 13 de Maria)
5.º Andar, Sala 505
Telephone 22-9278
RIO

Fabrica
Rua Francisco
Eugenio, 396
Telephone 28-5673
RIO

Capas temos à venda, luxuosas capas para a segunda e terceira série do BOLETIM DA SOCIEDADE LUSO-AFRICANA DO RIO DE JANEIRO. PREÇO, 10\$000 — Pelo Correio: Brasil, 11\$000; Estrangeiro, 12\$000.

“Actividade economica de Angola”

Quando, há um ano, mais ou menos, noticiamos o aparecimento de “ACTIVIDADE ECONOMICA DE ANGOLA” — revista trimestral editada em Luanda pelo Governo Geral da nossa maior Provincia Ultramarina —, tivemos a satisfação de acentuar quanto as nossas actuais publicações officiais se distinguem das suas congêneres de outras eras, de manuseio fastidioso pelo seu aspecto pesado e machudo de calhamaços, de numeros apertados, compactos, como cidades sem avenidas, como casas sem luz e sem ar...

Evidentemente que não pretendiamos desmerecer do valor das antigas em favor das modernas, como anda em moda. Só tolos assim pensariam, porque ninguém desconhece que umas e outras têm o seu valor próprio. O que então, como hoje, pretendemos assinalar, são, apenas, as diferenças que entre elas existem, próprias do tempo em que foram feitas e que tanto as distancia, e salientar quanto as publicações actuais sabem á maravilha tirar proveito do espirito cinematográfico que domina a vida contemporânea, — porque, com efeito, há muito de filme, e de filme colorido de desenho animado, nos gráficos e nos dados estatísticos com que elas actualmente se apresentam, nos envolvem e prendem a atenção, não só daquêles que por dever de officio são obrigados a compulsá-las, mas até mesmo daquêles que, desprevenidos e por curiosidade, as abrem e folheiam.

A “ACTIVIDADE ECONOMICA DE ANGOLA” não foge á regra, antes pelo contrário, pode servir de modelo no género, pela forma verdadeiramente artistica com que surge de três em três meses, valorizando com singular bom gôsto o seu texto, já de si valioso, quer pelos assuntos versados, quer pela autoridade e saber das individualidades que os escrevem e assinam.

**NAS TOSSES
e na Gripe
PULMONAL é
fantastico**



STORES — CORTINAS — TECIDOS

As mais recentes e mais lindas NOVIDADES

MOBILIARIOS E TAPEÇARIAS

Garantidos e pelos menores preços

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

65 — RUA DA CARIOCA — 67 — RIO

JORNAL

Estamos recebendo e agradecemos os seguintes:

De PORTUGAL

Imperio Português
O Espozende
Correio de Portugal
O Comercio do Porto
O Cardeal Saraiva
Mensajeiro do Ribatejo
O Povo de Aveiro
A Plebe
A Idéa Livre
Missões de Angola e Congo

Humanidade

Portugal

De MOÇAMBIQUE

Moçambique
A União
O Notícias
O Emancipador
O Brado Africano
O Norte
O Comercio da Beira
O Oriente
O Evangélico

De ANGOLA

A Província de Angola

O Comercio

A Tribuna
Diario de Luanda
O Lobito
Voz do Planalto
Noticias de Huila
Jornal de Benguela
O Intransigente
O Sul de Angola
Angola
O Estudante

Da INDIA

O Oriente Português
Heraldo

REVISTAS DE PORTUGAL

China — Jaime do Inso
Boletim da Casa das Beiras
Africa Medica

A TERRA

O MISSIONARIO CATOLICO

MISSÕES DE ANGOLA E CONGO

DEFESA NACIONAL

REVISTAS DO ULTRAMAR

Atividade Economica de Angola — Repartição do Gabinete do Governo Geral.

Boletim Trimestral — Repartição Central de Estatistica.

Boletim de Assistencia Medica aos Indígenas.

Boletim dos Serviços de Agricultura, Comercio, Colonização e Florestas.

Boletim da Associação de Benguela.

Boletim da Associação Beneficente dos Empregados do Comercio de Luanda.

Boletim Oficial do Governo de Angola.

Boletim Oficial da Colonia de Timor.

Boletim Oficial do Governo de Cabo Verde.

Boletim Oficial da Colonia de Moçambique.

Boletim Oficial da Colonia de Macau.

Principál Legislação da Colónia de Moçambique — Imprensa N. de Moçambique.

Rádio Moçambique (Revista Mensal de Vulgarização Ns. 18 a 24).

Moçambique Documentario trimestral — Governo Geral de Moçambique.

Boletim do Instituto Vasco da Gama — India.

Boletim Eclisiástico da Diosése de Macau.

REVISTAS DO BRASIL

Revista de Materiaes de Construções

Boletim da Camara de Comercio e Industrias.

Boletim da Casa de Portugal de São Paulo.

Boletim da Camara Portuguesa do Comercio de S. Paulo.

Surto-Revista.

Brasil-Polonia.

Sino Azul.

DIVERSOS

Revista Geografica Americana — Buenos Aires.

Boletim de La Bibliotéca da La Universidad Mayor de S. Marcos — Lima.

Universidad — Mexico.

Universidad — Havana.

LIVROS DE PORTUGAL

Conspectus Florae Angolessis — Instituto Botanico de Coimbra.

Africa Selvagem — Maria Archer.

Má Sorte — Rui Sant'elmo.

Alma Rude — Rui Sant'elmo.

Buteiro da Africa — José Osorio de Oliveira.

Alem-Mar — Hugo da Rocha.

Figuras Nacionaes — 1 — Luiz de Camões; 2 — Gil Vicente; 3 — Almeida Garret, Mario G Vianna.

Sonho de Sagres — Eugenia Silva.

Orações e Conferencias — Carlos Malheiro Dias.

LIVROS DE ULTRAMAR

Ecos do Sertão — Manoel Seixas.

Quissange Saudade Negra — Tomaz Vieira da Cruz.

Orçamentos da Comissão Municipal de Dily — Timor.

LIVROS DO BRASIL

Psicologia — M. Carlos.

Extremo Oriente (O Japão) — General Moreira Guimarães.

Archeologia Geral — Angyone Costa.

Memorias do Instituto Osvlado Cruz.

O Brigadeiro Couto Magalhães — Aureliano Leite.

A Angustia do Infinito — Luiz Delfino.

O Sexo em face do individuo, da familia e da sociedade — Dr. José de Albuquerque.

Anais do 2º Congresso de História e Geografia Sul Rio Grandense, 1º, 2º e 3º V. — Instituto Historico e Geografico.

Livraria Moura

MOURA FONTES & FLORES

Rua do Ouvidor, 145

Rio de Janeiro — Brasil

TELEFONE: 22-922 e 22-9308

Endereço Telegráfico: AGLIBOSIRI

ACEITA PEDIDOS DE
LIVROS DE CIÊNCIAS
E LITERATURA FRAN-
CESES, INGLESES,
ALEMÃES,
AMERICANOS,
ITALIANOS,
— ETC. —

* * *

FORNECEDOR DAS
PRINCIPAIS LIVRA-
RIAS DO BRASIL

DEPOSITARIO
DAS EDIÇÕES:
A. M. TEIXEIRA & CIA.
EDIÇÕES EUROPA
EMP. NACIONAL
PUBLICIDADE
SOC. NACIONAL
DE TIPOGRAFIA
TAVARES MARTINS Ltda.

* * *

ALBUNS COM RISCOS
— PARA BORDADOS —

DISTRIBUIDOR NO
BRASIL DA
GRANDE ENCICLOPE-
DIA PORTU-
GUESA-BRASILEIRA

* * *

VENDAS POR ATACADO
E ASSIGNATURAS DE
FIGURINOS E REVISTAS

Colchão Mecânico

E' O COLCHÃO IDEAL
PELO

CONFORTO, RESISTENCIA E ASSEIO

Souza Baptista & Cia. Ltda.

RUA 13 DE MAIO, 45 Telephone 22-3586

— RIO DE JANEIRO —

Grande Armazem Torre de Belem

(SECÇÃO DE ATACADO)

LIQUIDOS E COMESTIVEIS FINOS — VINHOS NACIO-
NAES E ESTRANGEIROS — ESPECIALIDADES EM QUEI-
JOS, CONSERVAS E A FINA MANTEIGA "BARBACENA"

JAYME B. LOUREIRO

11. PRAÇA JOSE' DE ALENCAR, 11

TELEPHONES 25-1496 e 25-2046

T. TARQUINO



ÁGUA DE COLONIA
SABÃO LÍQUIDO
CREME DE BELEZA
PO' DE ARROZ
CREME DENTAL
BRILHANTINA
SABONETE
LOÇÃO
TALCO



SUZETTE
Granado